

HEVERTON GOMES RODRIGUES

Jornalismo Esportivo Televisivo e o Pan 2007:
A preparação do “Esporte Espetacular”

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito para obtenção de
grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Márcio Guerra

Juiz de Fora
Junho de 2007

HEVERTON GOMES RODRIGUES

Jornalismo Esportivo Televisivo e o Pan 2007:
A preparação do “Esporte Espetacular”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Márcio Guerra

Trabalho de Conclusão de Curso / Dissertação aprovado(a)

em 03/07/2007 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Márcio Guerra (UFJF) – Orientador

Prof. Cristina Brandão (UFJF)

Prof Ricardo Bedendo - Convidado

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora

Junho 2007

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 O ESPORTE

2.1 DO INICIO AO FORMATO ATUAL

2.2 AS GRANDES COMPETIÇÕES ESPORTIVAS

3 A TELEVISAO

4 O JORNALISMO ESPORTIVO

4.1 ROMANCISTA POR NATUREZA

4.2 NEM SO DE FUTEBOL VIVE O JORNALISMO ESPORTIVO

4.3 COBERTURA DO PAN

5 OS JOGOS PAN AMERICANOS

5.1 O PAN E O BRASIL

5.2 OS ESPORTES DO PAN NO BRASIL

6 O PROGRAMA “ESPORTE ESPETACULAR”

7 O “ESPORTE ESPETACULAR” E OS JOGOS PANAMERICANOS

7.1 O ÚLTIMO PROGRAMA DE 2006

7.2 JANEIRO

7.3 FEVEREIRO

7.4 MARÇO

7.5 ABRIL

7.6 MAIO

7.7 JUNHO

8 CONCLUSÃO

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 INTRODUÇÃO

Todo brasileiro é apaixonado por esporte. Seja o esporte uma simples “pelada” de final de semana ou uma caminhada ao amanhecer. A paixão pelo esporte é algo globalizado, a prática da atividade física ultrapassa as barreiras territoriais e envolve todo o mundo. Este prazer, que percebemos na prática, ocorre também na busca pelas notícias e, aí, os holofotes se viram para o jornalismo esportivo.

O espaço dedicado ao esporte como notícia ocupa grande parte da programação televisiva, dos jornais diários, da programação das rádios e das páginas na internet, mas nem tudo “é festa” dentro do jornalismo esportivo.

O fato de todo mundo achar que entende de esporte, principalmente dos mais populares, faz desta editoria uma das mais complexas. Mesmo dentro do próprio meio, a área sofre com o preconceito.

Mas então o que me fez escolher este tema para meu trabalho de conclusão de curso? Paixão. Mauro Cezar Pereira, comentarista da rádio CBN, quando ainda trabalhava no jornal, O Globo, disse sobre o futebol: “Ninguém entende mais do assunto que um garoto de 12 anos.” Como maioria dos garotos brasileiros na minha época, o esporte sempre esteve presente na minha vida e na Faculdade de Comunicação Social jamais poderia ter sido deixado de lado.

Sempre acompanhando os programas televisivos especializados em esportes, percebemos todo um modo peculiar de transmitir as notícias relacionadas às atividades esportivas. É na hora do noticiário esportivo que o conjunto terno e gravata, e a formalidade são deixados de lado e a criatividade do jornalista aflora.

Inicialmente será apresentada a história do esporte e das grandes competições esportivas resgatando esta história como um todo, sem abordar nenhuma modalidade em

específico. Para que haja a notícia é preciso haver o fato, neste caso o esporte, por isso conhecer a história é fundamental a quem pretende se especializar nesta área.

No aspecto das grandes competições, que hoje tem sua maior representação em eventos como a Copa do Mundo de futebol, as Olimpíadas e os Jogos Pan Americanos, levantamos como se comporta o jornalismo esportivo dentro destas coberturas.

Após fazer um estudo sobre o jornalismo esportivo, o programa “Esporte Espetacular” é utilizado como estudo de caso para complementar este trabalho. O programa é uma revista esportiva semanal de longa duração que aborda várias modalidades esportivas. Lembrando que a Globo tem os direitos exclusivos de transmissão. A intenção é ver, na prática, como a mídia brasileira está se preparando para os Jogos Pan Americanos que se realizarão a partir do dia 13 de julho no Rio de Janeiro.

A intenção de unir, a história e trajetória do esporte associado ao jornalismo, às transmissões dos Jogos Pan Americanos é mostrar as dificuldades nas coberturas de modalidades as quais não temos a rotina da transmissão. Com um levantamento sobre os esportes que a mídia brasileira não tem o hábito de estar transmitindo, pretende-se ajudar àqueles que irão participar desta cobertura.

A intenção deste trabalho é levantar as características do jornalismo esportivo televisivo, percebendo os elementos que são exclusivos desta editoria tão peculiar e fascinante ao mesmo tempo, que faz dos telespectadores mais que simples pontos de audiência, os transformam em verdadeiros fãs!

A partir dos programas apresentados desde o início do ano, nas manhãs de domingo, será feita uma análise das notícias relacionadas aos Jogos Pan Americanos. Será observado o tempo destinado ao evento, o espaço para transmitir ao telespectador brasileiro as notícias sobre os jogos que acontecerão no país. Não será adotado nenhum esporte em particular, já que o programa se destaca por dar cobertura a várias modalidades diferentes e

foi isto que nos chamou a atenção. Pois, durante todo o ano, uma programação diária encharca nossas casas de muita cobertura sobre futebol, deixando o jornalismo e os amantes de outros esportes carentes e ansiosos por coberturas diferenciadas.

Os jogos que se realizarão no Rio são ideais para avaliar uma cobertura onde se foge dos tradicionais clichês, normalmente freqüentes nas coberturas do futebol, já que são muitas as modalidades que estarão em disputa. Como muitas destas modalidades não são habituais para o povo brasileiro, isto se torna mais um desafio para a mídia e, sobretudo para os jornalistas, que serão obrigados a superar este obstáculo para provar ao mundo que somos capazes de realizar, além de um grande evento esportivo, uma grande cobertura esportiva televisiva.

2 ESPORTE

2.1 DO INICIO AO FORMATO ATUAL

O surgimento do esporte pode ser encarado como contemporâneo ao surgimento humano. As modalidades esportivas nada mais são que as próprias necessidades de sobrevivência do ser humano sobre regime de aprimoramento e dentro de regras específicas. Pois nadar, correr, saltar, lutar e demonstrar suas habilidades, já fazia parte do dia-a-dia do homem desde quando se sabe da sua existência.

Mas, como na história tudo tem que ter uma data e um lugar, acredita-se que por volta de 2.700 antes de Cristo, na Grécia Antiga, tenha surgido a prática esportiva. O exercício físico se restringia aos privilegiados, que nesta época eram os soldados, que o usavam como treinamento militar. Com a intenção de demonstrar a superioridade de um povo e aprimorar seus exércitos, os egípcios praticavam a luta corporal e com espadas. Na China desenvolvia-se o kung-fu e há indícios que mostram que os hebreus já praticavam esportes com bola, natação, acrobacias e danças.

Com o passar dos anos, o privilégio deixou de ser só dos soldados e atingiu outras camadas da população. A democratização começou ainda na Grécia Antiga, onde filósofos como Sócrates defendiam que todo cidadão deveria ter a obrigação de se exercitar e aprimorar a forma física. Daí em diante, a prática passou a ter lugar de destaque na existência humana: “A educação física deixa o campo militar e se torna motivo de distinção social. A prática esportiva é a única atividade que, mesmo gerando suor, causa orgulho nos cidadãos.” (LUNA, www.multirioi.rj.gov.br/seculo21).

A importância, ainda na antiguidade grega, era percebida quando apenas a realização dos jogos conseguia parar os conflitos e as batalhas.

Após os gregos darem largos saltos para o desenvolvimento do esporte, o cristianismo, pregando a purificação da alma, condena o desenvolvimento de aptidões físicas e defende que o corpo deveria ser usado para cumprir penitências, assim sendo, durante toda a Idade Média, o esporte fica estagnado. Somente trezentos anos depois, quando surgem conceitos modernos ligados ao Humanismo na Europa é que a prática esportiva volta a ser retomada, mesmo que lentamente.

Quando a prática esportiva engrena novamente surgem diferentes concepções a respeito da prática:

No fim do século XIX, há três linhas doutrinárias de atividade física: a ginástica nacionalista (alemã), que valoriza aspectos ligados ao patriotismo e à ordem; a ginástica médica (sueca), voltada para fins terapêuticos e preventivos; e o movimento do esporte (inglês), que introduz a concepção moderna de esporte.”(Luna, www.multirioi.rj.gov.br/seculo21)

Já o século XX viveu os dois opostos na história do esporte. Em sua primeira metade teve duas guerras que impossibilitaram o desenvolvimento do esporte. Mas foi a partir de 1950 que a atividade física teve seu reconhecimento e se proliferou pelo mundo. E foi neste período que o esporte teve sua profissionalização, e os atletas de alto nível passaram a se dedicar exclusivamente às atividades esportivas. Surgem também, neste período, as primeiras estrelas, já recebendo o esporte neste momento forte influência da mídia, inclusive com a criação de verdadeiros heróis nacionais. Estes acontecimentos chamaram a atenção dos governantes que viram no esporte uma grande representação do próprio país, então era óbvio que as atividades físicas deveriam ser democratizadas.

A década de noventa é a de grandes transformações em torno do esporte. Há a consolidação da prática esportiva democratizada, atingindo desde as crianças no início do convívio social até os idosos e portadores de deficiência, que antes eram deixados de lado nesta prática. Acompanhando esta prática expandida da atividade física vêm a implementação

de maior quantidade de espaços destinados às atividades como praças e academias de ginástica. Estes acontecimentos foram conseqüências também de uma conscientização e maior preocupação da população com a saúde e estética corporal.

No campo das competições, a espetacularização do esporte moderno e a valorização dos feitos e resultados alcançados pelo atleta têm sugerido uma relação entre os grandes atletas com verdadeiros heróis.

2.2 AS GRANDES COMPETIÇÕES ESPORTIVAS

Em 2.500 antes de Cristo, como forma de adoração a Zeus, a maior divindade da mitologia grega, foram criadas as Olimpíadas. Entretanto, os problemas que atravancaram a disparada das grandes competições do esporte foram muitos.

Entre os mais significativos estão a dominação de Roma, que produziu a decadência dos jogos olímpicos, em 383 a.C., com imperador Teodósio I proibindo a realização das competições. Outro grande empecilho foi o cristianismo ocidental, que durante toda a Idade Média, paralisou as práticas esportivas e principalmente as competições, que desapareceram.

Somente no século XIX, na Inglaterra, são retomadas as disputas com regras definidas e regulamentos padronizados. A partir daí se criou um ambiente favorável a internacionalização do esporte. E é o movimento do esporte inglês que impulsiona a restauração do movimento olímpico, com o barão Pierre de Coubertin. Este movimento prevaleceu sobre os demais e levou a realização da primeira Olimpíada da Era Moderna em 1896, em Atenas.

Mas, na primeira metade do século XX, mais uma vez o brilho das medalhas dos atletas foi substituído pelo brilho dos armamentos bélicos. Duas guerras mundiais neste

período paralisaram o esporte. A primeira, entre os anos de 1914 e 1918, e, a segunda, entre os anos de 1939 e 1945, foram responsáveis pelos cancelamentos de três Jogos Olímpicos, os de 1912, 1940 e 1944. Somaram a estas duas Grandes Guerras a Revolução Comunista de 1917 e o crack da bolsa de Nova York, em 1929, que criou uma crise econômica tornando inviável o treinamento de atletas e as viagens das equipes em competições internacionais.

Na segunda parte do século XX, a realidade mudou. A educação física volta a ser incentivada, e com a Guerra Fria, há um estímulo à superioridade de uma nação sobre a outra, tornando intensa a busca por medalhas. A rivalidade se acirra e a busca por altos rendimentos e recordes passam a ser prioridade.

Com a mídia já bem preparada, os patrocinadores chegam ao esporte em grande volume na década de noventa, principalmente nos esportes de massa. Esta relação de causa e consequência atrai os grandes empresários que enxergam nas equipes esportivas uma grande visibilidade para seus produtos. A partir daí, jogos, torneios, copas, Olimpíadas se transformam em grandes espetáculos, que se constituem como verdadeiros shows e possuem uma platéia fanática composta por centenas de milhões de fãs em todo o mundo. Não haveria nada melhor para se transformar em espetáculo que o esporte. Algo tão imprevisível, tão surpreendente e capaz de atrair a atenção de multidões:

Ao contrário do teatro, em que os atores ensaiam exaustivamente o roteiro para apresentá-lo o mais fiel possível, no esporte os atletas treinam para, a partir do domínio de certas técnicas elementares - chamadas de fundamentos -, improvisar durante o espetáculo, daí porque cada jogo é um jogo, dizem os torcedores. Enquanto Hamlet já foi não apenas reconstituído, mas adaptado segundo diferentes versões dos diretores, ainda não surgiu nenhuma adaptação da final da copa de 50. (DAMO, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011).

É também na década de noventa que a mídia brasileira volta o seu olhar para outros esportes além dos tradicionais como futebol, basquete, vôlei, atletismo. Esportes antes marginalizados pela imprensa começam a ganhar espaço, e não diferentes dos demais,

ganham mais adeptos, mais investimentos e também se transformam em espetáculo.

Estimuladas pela cobertura das TV's, novas modalidades ganham importância. Os chamados esportes radicais (surfe, skate, kitesurfe, bicicross, motocross, entre outros) proporcionam imagens de impacto e conquistam novos fãs a cada dia. Além disso, multiplicam-se os "esportes-filhotes", derivações de modalidades amplamente difundidas. Vôlei de praia, futsal e beach soccer são alguns exemplos do fenômeno. (LUNA, www.multirioi.rj.gov.br/seculo21).

No momento atual pode se dizer que há uma relação de dependência estabelecida com os meios de comunicação de massa e o conseqüente ajustamento da prática esportiva em função das exigências e necessidades desses meios. A televisão transformou a audiência do esporte em todo o mundo, e na medida que começou a perder a capacidade de subsistir enquanto espetáculo ao vivo, tornou-se dependente de patrocínios gerados pela abrangência das transmissões televisivas. Essa situação provocou o incremento do profissionalismo no esporte, favorecendo as grandes competições.

3 TELEVISAO

No capítulo anterior, vimos que o esporte surgiu a partir da necessidade do homem de exercer suas atividades, e surgimento da comunicação e da televisão também está relacionado às necessidades humanas. O homem utilizava a imagem para se comunicar, através de desenhos e representações da realidade e isto o levou a pintura. Mais tarde, com o desenvolvimento da pintura, criou-se a fotografia, e quando estas imagens ganharam movimento, o cinema e a televisão.

Os primeiros passos para a criação da TV como conhecemos hoje foram dados a partir da década de 20 do século passado. No Brasil, a primeira transmissão foi feita em 1939, no Rio de Janeiro e utilizava equipamento importado da Alemanha. A primeira emissora brasileira foi a TV Tupi, que também foi pioneira na América Latina, foi inaugurada em 1950. No início, todos os programas eram transmitidos ao vivo, gerando grande dificuldade na época. Em 1960, com a chegada do videoteipe, além de programas com melhor elaboração se atinge maior número de pessoas através das reprises.

No início, a parceria entre jornalismo e esporte era vista com desconfiança e não parecia ir muito longe. Nos anos 60, as previsões não eram otimistas para o jornalismo esportivo: “um acontecimento esportivo não tem duração maior que o caso de assalto a uma jovem...” (BELTRÃO, L.1969: p.28).

O desenvolvimento da televisão como veículo de comunicação de massa foi muito rápido. O rádio construiu uma grande escola, mas seu modelo era muito diferente da nova mídia. O trabalho da TV era adaptar os costumes da população, que estavam seduzidos pela novidade, e criar moldes para a exibição de entretenimento e informação a todos. Acima de tudo o grande desafio seria criar uma linguagem própria para o novo veículo.

O esporte foi, em grande parte, responsável pela evolução dos meios de

comunicação. Foi na busca por uma cobertura que levasse ao telespectador, cada vez mais, uma transmissão de qualidade, que a comunicação chegou ao jornalismo esportivo atual. Entre todos os veículos ninguém pode explorar tanto o esporte como a televisão, só ela consegue atingir todas as camadas sociais com o poder da imagem e do som juntos. Conciliar imagem e som propicia levar o esporte na íntegra ao receptor, o que significa transmitir com realidade.

4 O JORNALISMO ESPORTIVO

O esporte permite ao jornalista fazer incursões em várias áreas. Durante uma cobertura, principalmente as de grandes eventos, todas as áreas acabam envolvidas. O esporte não se restringe apenas a um jogo ou uma competição. Durante um evento como o Pan, cultura, política, economia e até a ciência, com a medicina esportiva, estão relacionados.

A agitação e a correria de uma cobertura é um ingrediente a mais para o entusiasmo do jornalista de esportes. A responsabilidade jornalística em uma cobertura internacional é a mesma para área dos esportes ou qualquer outra. Dependendo do momento, nenhuma outra editoria se torna mais importante. Um grande exemplo foi a final da Copa do Mundo de 2002. Na semana da final, uma polêmica sobre uma possível convulsão do atacante Ronaldo, grande estrela da seleção nesta Copa, foi a notícia mais importante para o povo brasileiro. Ninguém se lembra se naquela semana o dólar estava em alta ou em queda, ou que o Lula ou o Serra, na época candidatos à Presidência, estavam fazendo campanha.

Uma grande dificuldade encontrada pelos jornalistas que trabalham em esportes é o conhecimento técnico de modalidades menos populares. Em competições como Olimpíadas e Jogos Pan Americanos a variedade de esportes em disputa é grande, e muito difícil um profissional que entenda de todos os esportes. A jornalista venezuelana Eumar Esaa trabalhou no último Pan e entende esta dificuldade, mas lembra que o conhecimento responsável é fundamental para a cobertura esportiva internacional:

É preciso ser muito versátil. Um correspondente de guerra, por exemplo, tem um background específico de determinado conflito. Um jornalista esportivo nos Jogos Pan-americanos deve ter conhecimentos mais que básicos desde o nado sincronizado até o basquete. Um jornalista não pode conhecer todos os 30 ou 35 esportes que compõem o programa olímpico, mas deve se preparar responsabilmente para ter uma informação básica que seja importante para seu telespectador, que agregue elementos de valor. (LINHARES, 2006, p.52-53)

Na maioria das vezes há uma discordância por parte do público que recebe as notícias, como diz Paulo Vinicius Coelho, chefe de reportagem e comentarista da ESPN Brasil:

Talvez não haja área do jornalismo tão sujeita a intempéries quanto a cobertura de esportes. O profissional enfrenta o preconceito dos próprios colegas, que consideram uma editoria menos importante, e também do público, que costuma tratar o comentarista ou repórter esportivo como mero palpiteiro. (Coelho, 2006, p.20)

Deixando as dificuldades de lado, os próximos capítulos irão abordar as características do jornalismo esportivo. A intenção é verificar como se deve produzir matérias abordando o esporte, fugindo dos métodos tradicionais ao futebol, e sendo criativo e não deixando o jornalismo de lado.

4.1 ROMANCISTA POR NATUREZA

Escrever, ou neste caso, produzir sobre esporte requer muito mais que noções básicas sobre o jornalismo ou formas ensinadas dentro das faculdades. O esporte tem em seu acontecimento muito mais que o fato por si só, ele necessita de ser contado com paixão.

Nos anos 50, Nelson Rodrigues tinha sua visão prejudicada pela miopia que lhe tirava a possibilidade de enxergar perfeitamente os quatro cantos do gigante Maracanã. Mesmo assim, ninguém discute sobre as ótimas e recheadas crônicas que eram estampadas nos jornais. Estas crônicas, com sua dramaticidade, motivam os torcedores a amarem ainda mais seus clubes e criam ídolos.

Um exemplo de história bem contada, que favorece a imaginação dos receptores, está no livro de Armando Nogueira. Ele conta que, certa vez, encontrou com Pelé no vestiário do Maracanã e o perguntou quem era o melhor centroavante do Brasil e o jovem negrinho lhe

respondeu, “eu”! Em seguida, Armando lhe perguntou então quem era o melhor meia-esquerda, e ouviu a resposta “eu também!”. O escritor conclui dizendo aos leitores que não sabia se ele estava diante de um prepotente jogador ou um predestinado de Deus. Anos depois, o jovem virou o rei do futebol. Esta história consta também nas crônicas de Nelson Rodrigues.

Se casos como estes são lendas ou verdades não vem ao caso, mas o fato é que a literatura vai preferir a lenda. O jornalismo deve ir sempre pelo caminho da verdade, por isso estas crônicas não se enquadram como material jornalístico, mas o que quero dizer é que esta “pitada” de literatura não pode ficar de fora.

A partir dos anos 70, com o compromisso da imprensa de contar a verdade, a imprecisão sobre os fatos diminuiu bastante, as boas crônicas também! A exclusão do mito faz com que se coloque em um mesmo lugar atletas que merecem lugar de destaque na história como Romário e Ronaldo, atletas que deram ao país o quarto e o quinto título mundial. Por outro lado se vê a eternizada a imagem de Bellini, capitão do primeiro título mundial e jogador do Vasco. Conhecido por jogar “sério”, era famoso por dar de bico quando preciso. Viajou para disputar a copa como reserva de Mauro Ramos, do São Paulo, indiscutivelmente mais técnico.

Durante os treinos o técnico Feola resolveu apostar na formação da dupla de zaga do Vasco, contando com o entrosamento. Com grande desempenho de seu companheiro de zaga Orlando, Bellini foi o primeiro capitão a ter a iniciativa de erguer a taça acima da cabeça. Favorecido por ser um homem bonito e ter tido um gesto triunfal, elevando a taça para que os fotógrafos pudessem fotografá-la, o capitão inspirou milhares de jornalistas a produzir sobre o feito. Nada mais justo para quem levantou a taça de campeão mundial pelo Brasil pela primeira vez na história.

Já em 1994, a seleção canarinho vivia um jejum de 24 anos, a minha geração

nunca havia visto o Brasil ser campeão! Pior ainda, desde 70 o Brasil não chegava a uma final de Copa do Mundo. A imprensa, além de criticar arduamente o estilo “retranqueiro” do técnico Parreira, criando em todo o país uma oposição ao treinador, já havia criado um capitão ressentido. Dunga, que ficou como símbolo pelo fracasso da seleção da copa de 90, nunca escondeu sua mágoa com os jornalistas. Quando recebeu a taça pela vitória na final da copa de 94, na qual ele foi o autor do último gol, antes de Roberto Baggio errar o pênalti que daria o título ao Brasil, ele levantou a taça e gritou olhando fixamente para os jornalistas brasileiros presentes: “Esta é para vocês, seus traíras, filhos da puta!”. Esta imagem de Dunga erguendo a taça e quebrando o jejum de títulos não consta na memória nem mesmo da geração que viveu este momento.

Apesar de perder na criatividade, o compromisso da imprensa, a partir de 1970, de ser mais fiel à verdade deu maior profissionalismo e respeito ao jornalismo esportivo. E graças a este profissionalismo o meio evoluiu muito e atraiu muito investimento, mas não podemos tratar a divulgação do esporte como um simples produto:

A emoção também faz parte do jornalismo, como bem mostraram as crônicas de Nelson Rodrigues no passado. E alguém precisa fazê-la retornar ao cotidiano das páginas esportivas. Mesmo que alguns mitos da história do esporte brasileiro, como Dunga, Romário e Ronaldo, tenham ficado perdidos num tempo restrito à descrição nua e crua da realidade. (COELHO, 2006, p.23)

A partir daí surgiu também um desafio para os jornalistas, passar as informações através das notícias e ser atrativo para se destacar no meio de um emaranhado de informações que bombardeiam os receptores todos os dias.

4.2 NEM SÓ DE FUTEBOL VIVE O JORNALISMO ESPORTIVO

Com o aparecimento da televisão e o maior profissionalismo, a editoria de esporte

creceu muito ao longo dos anos. Não só na TV, mas nos jornais, nas revistas, no rádio e na internet, o esporte ganhou muitos espaços dedicados exclusivamente a ele.

Com a imensa quantidade de matérias produzidas sobre os esportes, poucas modalidades ganharam atenção especial. Para ser mais preciso, no Brasil, somente o futebol recebeu um volume de jornalistas especializados no assunto. Geralmente, a equipe que se dedica ao futebol fica separada da que faz outras modalidades. Já nos outros esportes não há muito esta distinção. Quem faz vôlei, faz basquete, atletismo, boxe etc.

É compreensível que fica, financeiramente falando, inviável para os programas televisivos manter repórteres e comentaristas específicos para cada modalidade. Mas, também não é possível se transformar em um grande conhecedor do atletismo se preparando somente nas vésperas de uma grande competição.

O problema é que o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis. O que vale dizer que não há jornalistas de basquete, de vôlei, de atletismo, de judô etc. (Coelho, 2006, p.37)

Isto explica o grande vazio deixado pelos jornalistas e ocupado por praticantes, ou ex-praticantes, de vários esportes. Mas a falta de pessoal qualificado prejudica a cobertura de eventos esportivos. É necessário que o profissional esteja preparado para o papel que irá exercer dentro de sua profissão, e no jornalismo não é diferente.

O que se verifica atualmente, no entanto é a ditadura do oposto. Despreza-se muito o conhecimento teórico adquirido por jornalistas. E o exercício do jornalismo vira atividade técnica pura e simples. O comentarista de televisão é geralmente alguém com história dentro do esporte. E não importa que o repórter não consiga formular pergunta mais nobre do que “e aí?”. (Coelho, 2006, p.53)

Em um esporte que requer um conhecimento específico maior, como a Fórmula 1, é comum ver atletas e pessoas do meio questionando o trabalho da imprensa. O ex-piloto Nelson Piquet, campeão mundial de fórmula 1, já se referiu ao assunto:

O que eu não suporto é jornalista que não sabe o que está falando. Quem acompanha a temporada inteira, entende o que acontece nos boxes, sabe o que se passa quando um piloto está no cock-pit. A esses dedico total atenção. Não agüento é desembarcar num Grande Prêmio do Brasil e ouvir alguém me perguntando se faz diferença usar um tipo de pneu ou outro ou qualquer tipo de pergunta imbecil. (Coelho, 2006, p.48)

Além de um conhecimento prévio do esporte que se irá cobrir é necessário que o jornalista também esteja bem informado sobre o atleta com o qual irá lidar. Principalmente quando se tratar de grandes estrelas:

Os atletas do tênis exigem um nível maior dos jornalistas desse esporte. Nem tanto os que estão à margem do circuito mundial. Fernando Meligeni, o segundo tenista brasileiro no final dos anos 90, admite qualquer tipo de pergunta. Gustavo Küerten, não. (Coelho, 2006, p.50).

Acompanhar a carreira daquele atleta que se irá abordar para uma entrevista ou uma matéria em especial é privilégio de poucos. Mas quem tem este know-how leva vantagem. Em uma de suas aulas na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, na disciplina Jornalismo Esportivo, o professor Márcio Guerra contou como fazia, quando ainda era repórter de campo, para entrevistar o jogador Renato Gaúcho. O jogador era um dos grandes jogadores de futebol na época, com uma personalidade forte, era conhecido pelo comportamento exaltado: “Antes de começar a entrevista, me aproximava dele falando algo parecido com: Estamos aqui com o craque Renato Gaúcho, grande nome do jogo mais uma vez... Em seguida ligava o microfone e fazia a entrevista normalmente”.

Mas, muitas vezes, mesmo havendo vários jornalistas especializados no assunto, as emissoras de televisão optam por ter um esportista da área. Para isto não encontramos uma explicação, pois o jornalista esportivo se esforça para ter credibilidade ao passar suas informações ao público e os canais de TV, por sua vez, inserem comentaristas em prol do espetáculo da transmissão e da busca pelos pontos de audiência. Esta é a única justificativa que encontramos para explicar a presença de pessoas como os ex-jogadores Neto, Müller,

Dadá Maravilha e outros que atormentam as transmissões esportivas.

Na televisão muitas vezes a notícia é deixada de lado e o show se sobressai, e é isto que desqualifica alguns programas esportivos. Roberto Avallone foi considerado um repórter brilhante no Jornal da Tarde, mas na sua transferência para a telinha manchou sua imagem de grande jornalista:

O jornalismo impresso perdeu um dos maiores nomes em esportes nos anos 70 e 80. A televisão nem ganhou tanto. A telinha passou a vender a imagem de alguém que passou julgar-se mais importante do que a notícia. Eis o grande risco do profissional que começa a ser exposto diariamente na mídia. Jornalismo é notícia. Ela é a razão de ser do jornalista. E do jornalismo. (Coelho, 2006, p.47)

Na verdade, o show deve existir, é ele que faz com que as notícias ligadas ao esporte sejam mais descontraídas e mais agradáveis. O que não pode ser deixado de lado é o cunho jornalístico da transmissão da notícia.

“O brilho individual dos jogadores, as disputas táticas entre os técnicos, os gritos da torcida – quando ela existe. Tudo isto está lá. Assim como estão: o mau estado do gramado, o erro do árbitro, a atuação bizarra de um jogador. Todos os elementos para construir uma boa matéria jornalística estão ali, à disposição das câmeras, dos locutores, comentaristas e repórteres. É só usar o microfone e salientar o que há de bom, mostrar o que há de ruim. Nenhuma matéria está assim tão escancarada diante do jornalista quanto o evento esportivo. E, no entanto, é a matéria jornalística o que menos aparece em transmissão. Tudo o que importa, afinal, é o show dos locutores e repórteres.” (Coelho, 2006, p.64)

Mas se em um esporte que possui muitos palpites, artistas e conhecedores se passa pela dificuldade de encontrar especialistas, o que dizer de esportes de menor divulgação. E é diante deste desafio que se encontra a imprensa brasileira neste momento frente aos Jogos Pan Americanos. Uma enorme variedade de modalidades esportivas será apresentada no Rio de Janeiro. Estão os jornalistas brasileiros preparados para transmitir ao público esportes aos quais não estão habituados? O povo brasileiro está preparado para receber e entender os esportes aos quais não está habituado?

É o que se pretende responder com a análise do programa “Esporte Espetacular”

que foram veiculados antes do início dos Jogos Pan Americanos.

Para estas coberturas televisivas são selecionados grandes jornalistas, que no caso da Copa do Mundo são muitos. O grande problema está nas competições onde são disputados os jogos de modalidades aos quais não estamos habituados. E esta falta de especialização nos demais esportes é o maior desafio a ser encarado pelos jornalistas nos Jogos Pan Americanos Rio 2007.

Aqui no Brasil, devido ao grande domínio do futebol como preferência nacional, há uma tendência dos jornalistas entenderem sobre os esportes de chuteiras e deixar os demais de lado:

O esporte das massas é visto por quem chega ao mercado como área da qual todo mundo entende. Visão equivocada, mas avalizada por boa parte dos editores. Todo mundo viu futebol um dia na vida. Então, pronto! Está definido o futuro do jornalista sem especialidade. (Coelho, 2006, p.43)

Indo contra a tendência de se especializar no futebol o jornalista pode encontrar alguns fatores que o beneficia nesta área menos concorrida. Algo que favorece muito a cobertura dos esportes olímpicos é o interesse dos próprios atletas em divulgação.

Na disciplina Jornalismo Esportivo, fomos escalados para participar de uma palestra do técnico Carlos Alberto Parreira, que na época dirigia a seleção brasileira em preparação para a Copa do Mundo de 2006. Após sua palestra, o treinador concedeu uma entrevista coletiva aos jornalistas presentes, que durou pouco mais de dez minutos. Nomes de grande expressão dentro do esporte sempre terão lugar cativo no noticiário esportivo, por isso, na maioria das vezes, é mais difícil conseguir uma atenção maior deles.

No mergulhão de hipermídia, vivenciamos uma situação oposta. Para cobrir uma pauta sobre a ginástica de trampolim, modalidade na qual o atleta de Juiz de Fora Tiago Romão é o segundo melhor do país, acompanhamos um dia de treinamento do ginasta. Surpreendeu a atenção, além do esperado, recebida do atleta. Além de falar sobre sua carreira,

Tiago explicou com muita paciência as características da ginástica de trampolim, uma modalidade pouco difundida pela imprensa brasileira. Com a colaboração do atleta foi muito mais fácil escrever sobre seu esporte, mesmo tendo pouco conhecimento técnico da modalidade. Na semana seguinte, Tiago embarcou para o Rio Grande do Sul, onde conquistou a vaga para o mundial do Canadá. Mesmo com todo este desempenho nenhum veículo da imprensa local havia noticiado o fato.

Portanto, em um evento como o Pan do Rio a atenção dos atletas com os jornalistas, principalmente os brasileiros, pode facilitar a cobertura dos esportes:

Os atletas carecem de divulgação e muitas vezes ajudam aos que chegam aos ginásios com a finalidade de aprimorar-se. Em pouco tempo, o repórter ganha respeitabilidade, menos pelo conhecimento técnico de que dispõe e mais pelo reconhecimento dos atletas pelo fato de ele estar lá, disposto a aperfeiçoar-se. (Coelho, 2006, p.49)

4.3 COBERTURA DO PAN

É sempre em busca de grandes desafios que encontramos estímulos para crescer em nossas vidas. Na carreira de um jornalista especializado em esportes não deve haver nada mais gratificante do que participar da cobertura de um grande evento esportivo. Seria demagogia não dizer que, dentro da faculdade, aqueles que se aventuram a tender para o jornalismo esportivo não sonham, ao ver transmissões, em estar fazendo parte dela.

Não há nada que os jornalistas esportivos disputem mais do que ser escalados para uma cobertura internacional. Em regra, os melhores são escolhidos. E por quê? Muitos acham que a escolha é como um prêmio, um reconhecimento. E até é. Mas é muito mais. (LINHARES, 2006, p.13)

Os maiores eventos esportivos, como as Olimpíadas e os Jogos Pan Americanos são muito explorados pela imprensa mundial. As coberturas batem recordes de audiência e atraem grandes anunciantes tornando cada segundo de propaganda muito valorizado.

Sem dúvida, é um privilégio fazer parte da cobertura de um evento como os Jogos Pan Americanos. Mas nem tudo é festa, muitas dificuldades serão encaradas na cobertura do Pan Rio 2007. O jornalista Marcos Linhares cobriu o último Pan em Santo Domingo em 2003, além da Olimpíada de Atenas em 2004, e escreveu um livro para relatar as dificuldades dos jornalistas.

Cobrir qualquer que seja o evento esportivo requer preparação e disposição. São horas e horas passadas à procura do detalhe, do inusitado, de perseguir o ângulo novo da história que será contada e recontada pelos colegas. Em ano de Copa do Mundo, de Olimpíadas, de Pan, então, nem se fala. É fuso horário para cá, edição para lá, envio de imagens, sons, palavras. (LINHARES, 2006, p.15)

Mas as dificuldades se tornam pequenas perto do prazer de fazer parte de uma grande cobertura. Se no jornalismo esportivo a paixão é o principal combustível para produzir o jornalismo associado ao romance, imagine o tamanho deste amor em um grande evento como o Pan.

O universo do esporte é amplo e lúdico. Cheio de fracassos e vitórias. Não podemos só descrever uma prova ou um gol. Se fizermos isso, estamos contando a história pela metade. Nossa questão é como fazer isso sem ficar piegas, sem passar do limite do bom senso. (LINHARES, 2006, p.25)

A definição é do repórter Diego Olivier, que cobriu a Copa do Mundo da França e o Pan de Santo Domingo. Ainda segundo Olivier bom trabalho no meio do esporte é fugir do óbvio: “O feijão com arroz, as agências internacionais vão colocar na mesa do seu editor bem cedo. A gente precisa do diferencial, do outro ângulo.” Bastidores, página 26

Nas grandes competições as matérias são produzidas em larga escala, durante um dia de competição se têm muita notícia. O importante é não ficar preso apenas na transmissão de resultados e procurar boas histórias. O repórter José Cruz esteve nas Olimpíadas de Seul e em Sydney, e também no último Pan em Santo Domingo:

Estamos trabalhando com pessoas que buscam resultados mas, mesmo nas derrotas, têm boas histórias para contar. Histórias humanas, muitas vezes, e isso interessa aos leitores. Quem está na área esportiva não faz jornalismo por obrigação, mas por opção. É mais ou menos como diz o nosso Nilton Santos: a gente faz o que gosta e ainda nos pagam... (LINHARES, 2006, p.34)

No último Pan, disputado na República Dominicana, na competição de hipismo todos queriam dar notícia sobre o cavaleiro brasileiro Doda e a sua namorada a riquíssima Athina Onassis. Ele pouco falou e ela nem abriu a boca. Por outro lado ninguém mostrou que os cavalos, principais astros da competição, viajam acomodados em compartimentos de 90 centímetros de largura para que não caiam do avião. Na ida para Santo Domingo um cavalo passou mal e o piloto teve que retornar a Campinas, a pedido da veterinária que acompanhava, para evitar a morte do animal.

5. OS JOGOS PAN AMERICANOS

Empolgados com o sucesso dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1932, os países latino americanos tiveram a idéia de promover os esportes amadores no continente em uma competição que reunisse todos os países das Américas. A proposta, porém, só tomou força com a realização do primeiro Congresso Esportivo Pan-americano, realizado em Buenos Aires, no ano de 1940.

Nesta reunião ficou definido que a primeira edição do Pan seria realizada no ano seguinte na própria capital argentina. A evolução do conflito da Segunda Guerra Mundial, entretanto, fez com que o primeiro Pan fosse cancelado.

Com o término do conflito, um novo Congresso Esportivo foi realizado e Buenos Aires acabou confirmada como a sede inaugural da disputa, que só foi começar mesmo em 25 de fevereiro de 1951, com a presença de 100 mil espectadores, além do presidente Juan Domingo Perón e sua mulher Evita, a co-presidente do Comitê Organizador dos Jogos.

A entidade, que reúne os Comitês Olímpicos das Américas, a Odepa, foi oficialmente criada em 1955, com sede na Cidade do México. As origens da organização, entretanto, remetem aos anos de 1932 e 1940, quando a idéia do Pan-americano, começava a tomar forma.

Os idiomas oficiais da Odepa são o espanhol e o inglês. O símbolo da entidade é composto por uma tocha, sobreposta por um pequeno símbolo das Olimpíadas. Em volta aparecem cinco arcos com as cores associadas a cada continente: azul, amarelo, negro, verde e roxo. Atualmente, 42 países compõem a organização.

Desde Cali-1971, procura-se estabelecer um rodízio entre as diversas partes das Américas: primeiro, uma cidade do Sul abriga a competição, sendo seguida por uma do Norte e, por fim, da América Central. Todos os países da Odepa têm direito a voto na escolha da

sede. Quem já sediou a competição, como o Brasil, vota duas vezes.

Ao longo de mais de 50 anos, os Jogos Pan-americanos jamais deixaram de ser disputados e passaram por cidades de todos os cantos do continente. Em 1963, São Paulo recebeu a quarta edição do evento. Mais de 40 mil pessoas compareceram ao estádio do Pacaembu para assistir a Cerimônia de Abertura

5.1 O PAN DO BRASIL

Realizado no ano anterior às Olimpíadas, o Pan é a seletiva de algumas modalidades para o maior evento esportivo do mundo. Entretanto, a competição sofre um sério problema ao ser praticamente ignorada por alguns dos melhores atletas no continente. Os Estados Unidos são o maior exemplo neste aspecto: exceção feita ao Pan de Indianápolis-1987, o país não costuma competir com seus principais atletas.

Esta, inclusive, é uma das principais preocupações do Comitê Olímpico Brasileiro e do Co-Rio para a competição de 2007. Tanto que o Comitê Organizador da competição fez uma apresentação para as Federações Nacionais dos Estados Unidos com o intuito de motivar a participação dos melhores atletas norte-americanos. A promessa, pelo menos, já foi conseguida. Presidente do Comitê Olímpico Norte-americanos, Peter Ueberroth prometeu enviar uma equipe forte para o evento.

Mas os brasileiros que não esperem grandes estrelas. O conceito de “forte” para os norte-americanos são as jovens promessas do esporte. “Os atletas que vamos enviar serão as minhas surpresas para os Jogos Olímpicos de Pequim. Queremos que estes jovens, que têm possibilidade de resultados em 2008, ganhem experiência de Jogos Rio 2007, vivenciando um evento multiesportivo e a convivência em uma Vila”, revelou Craig Masback, diretor-executivo da Federação de Atletismo norte-americana.

A verdade é que também o Brasil nem sempre manda seus grandes astros para o Pan-americano. Em 2003, por exemplo, Adriana Behar e Shelda preferiram disputar uma etapa do circuito mundial do vôlei de praia, deixando a participação brasileira nas mãos de Ana Richa e da então desconhecida Larissa. Outra equipe brasileira que também não deu muita importância para o último Pan foi o vôlei feminino, que mandou um time formado por juvenis e apenas a veterana Janina.

Agora, porém, a previsão é que o Brasil dispute todas as modalidades com força máxima, para, dessa forma, conseguir superar o Canadá no quadro de medalhas, feito quase alcançado na última edição do Pan.

A intenção dos dirigentes brasileiros é fazer um belo espetáculo para fortalecer a candidatura do Rio de Janeiro para os Jogos Olímpicos de 2016. “A realização do Pan com êxito, em ambiente amistoso, com a máxima segurança, com itens e tecnologia funcionando bem é o teste para o Brasil ter uma candidatura mais consistente”, confirmou Orlando Silva Júnior, ministro dos Esportes. E, a despeito dos atrasos em algumas obras, a expectativa e confiança é que o Rio vai realizar o maior Pan da história.

Vale ressaltar que, ao menos por enquanto, o cenário que está mais próximo de ser realizado é que o Rio 2007 será o maior Pan em relação ao número de participantes. A expectativa da Odepa é que 5.500 atletas participem da disputa, sendo 5.120 de esportes olímpicos e 380 de modalidades não-olímpicas. São exatos 225 participantes a mais do que a edição de Santo Domingo, em 2003.

Deixando a parte dos atletas de lado a situação é bem pior. Segundo o Tribunal de Contas da União (http://www2.tcu.gov.br/portal/page?_page...) já passam de 3,8 bilhões de reais (até agora) os gastos com o Pan. Há vários contratos sem licitação, obras atrasadas, falta de transparência e estouro do orçamento. Sem contar o apagão aéreo.

Só para se ter uma idéia, este montante é maior que o total divulgado pelo

governo da África do Sul para a Copa do Mundo de 2010 (<http://br.esportes.yahoo.com/copa/notici...>) ou seja, um valor para tornar 12 cidades sedes no próximo mundial de futebol no continente africano, é insuficiente por aqui para adequar uma única cidade à receber um evento desportivo. Lembramos ainda que a Copa do Mundo é um evento ainda maior que o Pan e o Brasil pretende sediar em 2014.

O custo médio das quatro edições anteriores (Santo Domingo, Winnipeg, Mar Del Plata e Havana) ficou em torno de 260 milhões de reais, e o Brasil, está gastando quatorze vezes mais para promover o mesmo evento.

5.2 OS ESPORTES DO PAN NO BRASIL

A intenção deste capítulo é servir de orientação para a cobertura do Pan, levantando o histórico, as características e as regras básicas dos esportes que farão parte da competição que se realizará no Rio de Janeiro. Lembrando que neste trabalho nos interessa, principalmente, a dificuldade na cobertura de esportes não tradicionais, aqueles aos quais a mídia televisiva brasileira não tem o hábito de transmitir.

O programa dos Jogos Pan-Americanos de 2007 segue o programa olímpico de Pequim-2008. Ou seja, terá 28 modalidades olímpicas. O evento também contará com seis modalidades não-olímpicas, totalizando 34 modalidades.

Mas o que determina se um esporte é olímpico? Para evitar que os jogos olímpicos crescessem até atingir um ponto onde não fosse possível sua organização, o Comitê Olímpico Internacional, o COI, vem limitando o número de participantes nestas competições. Na próxima Olimpíada, que será realizada em Pequim, o número de atletas está limitado a 10.500.

Devido a esta limitação, mesmo não sendo uma regra, para um esporte,

modalidade, ou prova ser incluído no Programa Olímpico, este deve ocupar o número de vagas de algum outro esporte, modalidade ou prova que tenha deixado o programa.

A decisão de quem entra ou sai do Programa dos Jogos Olímpicos é tomada em votação pela sessão do COI, a partir de análises técnicas do esporte, modalidade ou prova. Para ser incluído no programa um esporte deve obedecer alguns critérios, são eles: Ser praticado por homens e mulheres, sendo no mínimo 75 países e quatro continentes, no caso masculino, e no mínimo 40 países e três continentes, no caso feminino. Deverá ter a aplicação do controle de doping pregado pelo Movimento Olímpico e também realizar este controle fora das competições, de acordo com as regras vigentes. Os esportes serão admitidos no Programa Olímpico pelo menos sete anos antes dos Jogos Olímpicos em questão.

Muitas modalidades que estarão em disputa a televisão brasileira não têm o hábito de transmitir. Vários destes esportes não possuem jornalistas especializados. Uma solução muita usada nas transmissões de esportes radicais, que poderia ser uma saída neste caso, seria a incorporação de algum atleta famoso nas modalidades menos conhecidas. Mas, em vários dos esportes, nenhum nome brasileiro de destaque na modalidade vem à tona, principalmente para o grande público. Algumas modalidades chegam a ser desconhecidas da maioria do povo e de muitos jornalistas.

Muitas das modalidades que estarão em disputa no Rio de Janeiro, como basquete, boxe, natação e ginástica, temos transmissões frequentes, portanto não será novidade para a mídia estar transmitindo estas competições. Porém algumas modalidades, que preferimos até descrevê-las a seguir, serão um grande desafio para a mídia televisiva brasileira.

Entre as modalidades olímpicas estão:

Badminton: Um esporte recente no Pan, começou a ser disputado a partir de 1995. É o esporte de raquete mais rápido do mundo. A evolução da técnica e dos materiais de competição tornaram a sua velocidade impressionante. As raquetes podem rebater a peteca a

até 260km/h, de um lado a outro da quadra, dividida por uma rede a 1,55m do chão. Disputado preferencialmente em quadra coberta, o jogo consiste em uma melhor-de-três games de 15 (para duplas ou simples masculino) ou 11 pontos (para simples feminino). Sua origem vem de um esporte disputado com os pés e uma peteca, na China do Século V antes de Cristo: o Ti Jian Zi. Cinco séculos depois, um jogo chamado battledore (as antigas raquetes) e shuttlecock (as petecas) se popularizou em lugares como China, Japão, Índia e Grécia. No século XVI, a nobreza européia adotou como passatempo o jeu de volant (“jogo da roda”, em francês, em oposição ao jeu de paume, o “o jogo da palma”, que originou o tênis, em que uma bolinha era rebatida com a palma da mão). Mas foi o poona, jogado na Índia, no século XIX, que foi levado para a Inglaterra por oficiais do exército britânico e introduzido pelo Duque de Beaufort na sua propriedade, chamada pelo nome, que acabaria batizando a versão moderna do esporte: Badminton.

Beisebol: é um jogo de taco e bola cuja origem remonta ao Egito Antigo, antes de se chegar à forma moderna, desenvolvida sobretudo nos Estados Unidos, no século XIX. As partidas são jogadas por dois times de nove jogadores que se revezam na defesa (arremessando a bola) e no ataque (rebatendo com o bastão). A cada entrada (inning) de jogo, o time que está no ataque tenta marcar pontos e é obrigado a ir para a defesa quando tem três de seus jogadores eliminados. O objetivo é marcar o maior número de pontos durante uma partida, que tem duração de nove entradas – em caso de empate, o jogo é prorrogado até que saia um vencedor. Um ponto é conquistado quando um jogador consegue chegar à base principal (home) após passar pela primeira, segunda e terceira bases, que estão dispostas num campo em forma de diamante. É disputado desde o surgimento do Pan em 1951.

Canoagem: Começou a ser praticada no Pan a partir de 1967. Consiste na disputa

em dois tipos de barcos (canoas e caiaques) e ambientes diferentes (águas calmas para a canoagem de velocidade e águas turbulentas para a canoagem slalom). No Pan do Rio, será disputada somente a canoagem de velocidade. Nas competições dessa modalidade, os barcos conduzidos por uma, duas ou quatro pessoas são separados por raias e percorrem distâncias de 500m e 1.000m. Canoas são barcos abertos, guiados por competidores apoiados em um joelho com remos que têm lâmina em apenas um lado. A evidência arqueológica mais antiga de uma canoa data de seis mil anos atrás, da civilização Suméria, que colonizou o Rio Eufrates, no Oriente Médio. Índios das Américas do Norte e do Sul e nativos da Polinésia também ficaram conhecidos por usar a embarcação. Já os caiaques – barcos fechados, guiados por competidores sentados com remos de lâminas nas duas pontas – são invenções dos esquimós e foram transformados nos caiaques modernos pelo advogado britânico John MacGregor.

Ciclismo: Esporte antigo no Pan é disputado desde 1951. A bicicleta já servia como meio de transporte desde o século XVIII, mas foi em 1895, quando surgiu a União Ciclística Internacional (UCI), que o ciclismo se organizou como forma de esporte. Nos XV Jogos Pan-americanos Rio 2007, o esporte terá quatro modalidades para homens e mulheres: pista, estrada, mountain bike e BMX (bicicross). Em número de provas, a maior é a modalidade pista, que reúne dez disputas diferentes, individuais e por equipes, de velocidade, contra o relógio e perseguição. Na modalidade estrada, há duas provas, de velocidade e contra o relógio; no mountain bike, há apenas uma, a de cross-country, normalmente dentro de área de florestas, em caminhos estreitos de terra e pedra. No BMX, versão ciclística do motocross, incluída no programa dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008, haverá provas femininas e masculinas de corrida em pistas com saltos e obstáculos.

Esgrima: Esporte que também está no Pan desde 1951. A esgrima é a forma de

luta com espadas. Embora sua origem mais remota chegue a dois milênios antes de Cristo, a esgrima só virou esporte de competição em 1874, quando surgiu a primeira escola americana de esgrima. A modalidade tem disputas individuais e por equipes, com três tipos de armas diferentes nos combates: espada, florete e sabre. Os atletas competem em pistas de 14m de comprimento por 1,5m de largura e o objetivo é tocar o adversário sem ser tocado. Em disputas classificatórias, ganha quem somar cinco toques ou ficar quatro minutos sem ser atingido. Nas eliminatórias, o número de toques sobe para 15 e o tempo, para nove minutos. Através de fios e roupas especiais, os competidores estão ligados a um sistema eletrônico que conta cada toque.

Os esportes aquáticos estão presentes no Pan desde o primeiro ano em 1951. A beleza das provas disputas nas piscinas pode ser um grande atrativo para a transmissão televisiva destas modalidades.

Nado Sincronizado: Antes de se tornar modalidade olímpica, o nado sincronizado era, literalmente, coisa de cinema. A partir dos shows aquáticos com acrobacias, apresentados nos EUA no começo do século XX, pela nadadora australiana Annette Kellerman, a modalidade foi desenvolvida por Katherine Curtis, ao associar figuras feitas na água por corpos de nadadoras com acompanhamentos de músicas e chegou aos musicais do estúdio MGM, estrelados nas décadas de 40 e 50, por Esther Williams. Após uma apresentação dos alunos de Katherine Curtis, na Feira Século do Progresso, realizada na cidade americana de Chicago, em 1933 e 34, o nadador olímpico Norman Ross cunhou o termo “nado sincronizado”. O seu formato atual foi desenvolvido na mesma época pelo estudante americano Frank Havlicek. É um dos poucos esportes restrito apenas a mulheres, que competem em solos, duetos ou times de oito, fazendo figuras obrigatórias e livres numa

piscina e avaliados na técnica e na criatividade por jurados. Ao contrário dos outros esportes aquáticos, só foi disputado pela primeira vez nos Jogos Pan-americanos em 1955.

Pólo Aquático: Foi desenvolvido paralelamente na América do Norte e na Europa no século XIX e, atualmente, leva o nome americano tem forma mais influenciada pelas origens européias. Segundo as regras formuladas pelo americano Harold Reeder, os competidores jogavam flutuando sobre barris, como se fossem cavalos, e acertavam a bola com tacos como no pólo. Na Inglaterra, o esporte surgiu como uma versão aquática do rúgbi e evoluiu para semelhanças com o futebol – dois times de sete jogadores (sendo um goleiro) se enfrentam numa piscina, disputando a posse da bola rumo ao gol adversário, sem poder tocar os pés no chão ou a mão na borda da piscina, por quatro quartos de sete minutos.

Saltos Ornamentais: A história dessa modalidade já explica muito a seu respeito. Sua origem data do século XVII, quando ginastas suecos e alemães começaram a praticar suas acrobacias pulando sobre um terreno que causaria danos físicos menores em caso de queda: a água. É disso que o saltos ornamentais se tratam – realizar acrobacias no ar, saltando de plataformas de 10m ou trampolins de 3m, e entrar na água de forma suave e elegante. Nos Jogos Olímpicos de Sydney, na Austrália, em 2000, uma nova categoria foi introduzida: os saltos sincronizados. Pares de homens e mulheres saltando simultaneamente e sendo julgados, não apenas pela qualidade técnica, estilo e grau de dificuldade do salto, mas também pelo sincronismo entre os dois parceiros.

Maratonas Aquáticas: É a modalidade que mais guarda semelhanças com a origem natação, quando o homem pré-histórico precisou aprender a nadar para atravessar rios e lagos, que junto com os oceanos são os locais de disputa das maratonas aquáticas. As

provas são divididas entre as de distância inferior e superior a 10km. Nos campeonatos mundiais, são realizadas três provas da modalidade, nas distâncias de 5km, 10km e 25km, sempre para mulheres e homens. Em outubro de 2005, o Comitê Executivo do Comitê Olímpico Internacional (COI) aprovou a entrada das maratonas aquáticas no programa dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008, com a prova de 10km. No mês seguinte, a Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) incluiu a modalidade no programa esportivo RIO 2007, quando também fará sua estréia em edições de Jogos Pan-americanos.

A ginástica também é um esporte antigo no Pan, com sua primeira edição em 1951. No entanto, é importante entender as diferentes categorias para poder estar passando ao público sempre informações precisas. Com o ótimo desempenho de atletas brasileiros no cenário internacional nos últimos anos, a ginástica promete ser um dos esportes mais assistidos neste Pan do Rio. Sua beleza plástica também é um fator que favorece sua transmissão televisiva.

Ginástica Artística: Um dos esportes que mais atrai a atenção do público em Jogos Pan-americanos é a ginástica artística. Praticada pelo menos desde a Antigüidade, a modalidade ganhou sua forma moderna pelas mãos do professor alemão Friedrich Ludwig Jahn, que formulou regras e aparelhos, e abriu o primeiro campo de ginástica de Berlim, em 1811. Na ginástica artística, a competição pode ser individual ou por equipes, sendo aberta a homens, que disputam seis provas (salto, cavalo, argolas, barra fixa, paralelas e solo); e mulheres, que disputam quatro provas (salto, trave, paralelas e solo). O objetivo é conseguir a melhor nota na avaliação dos juízes, que avaliam o grau de dificuldade dos movimentos e a execução. Para obter pontos extras, o ginasta deve acrescentar outros elementos além daqueles obrigatórios para todos os aparelhos.

Ginástica Rítmica: Consagrada por sua inegável graça e beleza plástica, a ginástica rítmica é uma modalidade exclusivamente feminina, com provas individuais e de conjunto, que usam cinco aparelhos (fita, corda, maça, bola e arco). Incorpora muitos movimentos do balé clássico, com ritmo e graça. Começou a ser praticada no século XIX com coreografias básicas e conhecida como ginástica de grupo. À medida que a complexidade das coreografias foi aumentando, a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, o interesse e o encanto do público cresceram, até que a modalidade fosse reconhecida pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) em 1962.

Trampolim Acrobático: As origens do trampolim repousam na Idade Média, nas performances dos acrobatas e dos trapezistas de circo – estes com seus saltos realizados a partir do impulso da rede de segurança. Suas regras foram formatadas pelo professor de educação física, o americano George Nissen. Sua estréia como modalidade olímpica aconteceu nos Jogos de Sydney, na Austrália, em 2000. Sobre uma tela, geralmente de nylon, de 5m x 3m, o atleta salta até atingir cerca de 6m de altura e executa 20 elementos técnicos. Oito juízes são responsáveis pelo julgamento – um é denominado juiz central, cinco avaliam a execução e dois observam o grau de dificuldade. O trampolim acrobático é disputado por homens e mulheres. Há também o trampolim sincronizado, em que atletas se apresentam em trampolins diferentes, mas executam os movimentos simultaneamente.

Handebol: Foi introduzido nos Jogos Pan Americanos em 1987. Embora fosse jogado de forma rudimentar no Norte da Europa desde fins do século XIX, o handebol só ganhou sua Federação Internacional em 1928 e, desde então, cresceu até se tornar um dos mais praticados esportes do planeta. E não à toa: o handebol é uma modalidade simples de

entender e jogar. As partidas, divididas em dois tempos de 30 minutos cada, são disputadas por duas equipes de sete atletas, que agarram, arremessam, passam e quicam a bola com as mãos. Tudo com um objetivo claro: marcar o maior número possível de gols para chegar à vitória.

O bom desempenho do Brasil no último Pan favoreceu a divulgação do esporte. Mas, mesmo com os bons resultados, o esporte não se profissionalizou no Brasil como outras modalidades como vôlei e futebol.

Hipismo: É disputado no Pan desde 1951. O hipismo é a única modalidade dos Jogos Pan-americanos em que atleta e animal formam um conjunto. E a importância de cada um é de tal forma dividida que o hipismo também é um dos poucos esportes em que homens e mulheres competem uns contra os outros. A história da modalidade se confunde com a história da própria civilização, quando o homem começou a usar o cavalo como meio de locomoção e passou a adestrá-lo. Mas, foi só em 1921 que foi criada a Federação Equestre Internacional. A esta altura, o hipismo já era largamente praticado em suas três categorias. Saltos é a categoria mais conhecida e, dependendo da competição, ganha quem percorrer um trajeto determinado no menor tempo possível, derrubar o menor número possível de obstáculos ou somar o maior número de pontos. No adestramento, o vencedor é determinado por uma avaliação de juízes, que julgam as performances nos movimentos obrigatórios e na coreografia livre. Por fim, o concurso completo de equitação (CCE) é uma categoria cuja disputa dura três dias, envolvendo adestramento, prova de fundo (subdividida em quatro etapas) e saltos.

Hóquei sobre grama: O mais antigo esporte de taco e bola de que se tem notícia, o hóquei é praticado desde aproximadamente 2000 a.C., mas há quem diga que sua origem é

mais remota ainda. Atualmente, o hóquei é jogado até sobre gelo, mas, nos Jogos de Verão, a versão oficial é o hóquei na grama. As partidas são divididas em dois tempos de 35 minutos e disputadas por dois times de 11 jogadores. O objetivo é marcar o maior número possível de gols. É disputado desde o Pan de 1971.

Levantamento de peso: Os fortões começaram entrar em disputa desde o primeiro Pan em 1951. A prática esportiva do levantamento de peso começou no fim do século XIX, especialmente na década de 1890, quando surgiram federações do esporte na França e na Rússia. A modalidade cresceu ao longo dos anos a ponto de incluir a participação de mulheres no fim do século XX. Ao todo, são 15 categorias, baseadas no peso dos atletas. A disputa é dividida em três provas. No arranco, o atleta tem que colocar o peso em cima da cabeça num único movimento. No arremesso, o atleta faz dois movimentos: primeiro, suspendendo o peso na altura dos ombros para, em seguida, erguê-lo sobre a cabeça. A soma dos desempenhos nessas duas provas resulta no aproveitamento total, a terceira prova. Cada atleta tem três oportunidades para levantar os halteres. E o objetivo do levantamento de peso é bastante simples: quem levantar mais peso ganha. Em caso de empate, a decisão vai para a balança: quem pesar menos vence. Se a igualdade persistir, ganha quem tiver levantado primeiro o peso vencedor.

Lutas: As lutas olímpicas são consideradas algumas das modalidades mais antigas de que se tem notícia e estão presentes desde a primeira edição do Pan em 1951. Nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga já se disputavam combates de luta no estilo da atual greco-romana. As lutas estão divididas em duas modalidades, divididas por sete categorias cada. A greco-romana difere da livre por um aspecto simples: na primeira só se pode usar os braços e o tronco, enquanto na segunda, o uso das pernas também é permitido. Nas duas, porém, o

objetivo é imobilizar o adversário de costas para o chão e, além disso, golpes baixos, estrangulamento, dedo no olho e puxões de cabelo são proibidos. Os combates são disputados em dois rounds de três minutos cada. Caso nenhum dos atletas consiga imobilizar seu oponente, a luta é decidida por pontos, que variam de acordo com os golpes e punições aplicados.

Pentatlo moderno: Disputado desde o Pan de 1951. Criado na Grécia Antiga, o pentatlo moderno atravessou os séculos, mas manteve a característica de ser o mais completo dos esportes. Na Antigüidade, a modalidade reunia a corrida de 200m, arremesso de disco e dardo, salto em distância e luta livre. Mas, no século XX, transformou-se, adotando provas mais diversas ainda. Por ordem de disputa: tiro, esgrima, natação, hipismo (saltos) e atletismo. As provas são disputadas ao longo de um dia e, nas quatro primeiras, os atletas somam pontos de acordo com seu desempenho. A partir dessa pontuação, define-se a ordem de largada da corrida de 3.000m: cada atleta larga separadamente, a intervalos que variam de acordo com os pontos somados nos eventos anteriores. O vencedor da corrida ganha a medalha de ouro do pentatlo moderno.

Remo: Sua primeira aparição no Pan foi em 1951. Barcos a remo são usados como meio de transporte desde a Antigüidade Grega, o Império Romano e o Egito Antigo. Como esporte, sua origem mais provável é a Inglaterra vitoriana dos séculos XVII e XVIII. No entanto a popularização só aconteceu no século XIX. Nesse período, foi exportado da Europa para a América, onde a tradição das regatas entre as universidades britânicas de Oxford e Cambridge também foi adotada, por Yale e Harvard. Competições de remo são mais antigas do que a maioria das de outros esportes olímpicos da Era Moderna. E o conceito se mantém o mesmo até os dias de hoje.

Barcos em que cada remador conta com dois remos (um em cada mão), divididos por raia, competem lado a lado em águas calmas para ver quem é o mais rápido. Atualmente, a distância oficial desse percurso em linha reta para Jogos Olímpicos e Pan-americanos é de 2.000m. As embarcações – com ou sem timoneiro, ou skiff – podem ter um, dois, quatro ou oito componentes. O timoneiro, integrante que não rema e é responsável por orientar e incentivar os remadores, não entra na conta dos componentes. Tanto para quanto para mulheres, há também as disputas na categoria peso leve.

Softbol: Passou a ser disputado a partir do Pan de 1979. O softbol, em poucas palavras, é uma versão soft, leve, do beisebol. A origem do esporte remete a 1887, nos Estados Unidos, quando George Hancock inventou uma forma de se praticar o beisebol em ginásios cobertos. Logo em seguida, a modalidade saiu ao sol e, na década de 1920, ganhou seu nome atual. Mais difundido entre as mulheres, que são as únicas a participar da disputa nos Jogos Pan-americanos, o softbol tem as mesmas regras básicas do beisebol. As principais diferenças estão nas dimensões da bola (maior) e do campo (menor), e no tempo de jogo (que cai de nove para sete entradas ou innings). Além disso, o arremesso no softbol tem de ser feito de baixo para cima. Mas, assim como no beisebol, o objetivo é marcar o maior número possível de pontos para vencer o jogo.

Taekwondo: Esporte relativamente recente passou a ser disputado no Pan de 1987. Embora tenha raízes milenares, o taekwondo, forma de arte marcial tradicional na Coreia, só ganhou sua forma moderna em 1955. Foi quando um grupo de mestres coreanos conseguiu unificar as diversas escolas sob a forma do que hoje é conhecido como taekwondo. A modalidade é dividida em quatro categorias, segundo o peso dos atletas. Nos combates, os atletas – que usam protetores para a cabeça e para tórax e abdome – somam pontos ao

acertarem chutes ou socos. Os chutes podem ser desferidos em qualquer ponto do corpo acima da cintura. Já os socos só podem atingir o peito do adversário. As lutas são de três rounds de três minutos e um atleta pode ganhar de três modos: nocauteando o oponente; somando o maior número de pontos ou pela desclassificação do adversário.

Tiro com arco: Começou a ser disputado no Pan a partir 1979. A prática do tiro com arco remete à Pré-História, de quando datam as primeiras utilizações do arco e da flecha como utensílios de caça. É uma modalidade tão antiga que a primeira competição de que se tem notícia foi realizada em 1583, na Inglaterra. O tiro com arco é disputado em duas categorias, individual e por equipes, na distância de 70m em relação ao alvo, que tem 1,22m de diâmetro e é formado por dez círculos concêntricos. O círculo mais central, a “mosca”, vale dez pontos; cada círculo seguinte perde um ponto em valor. Para vencer, o competidor tem de somar o maior número possível de pontos. A disputa é eliminatória e, a cada etapa, o atleta dispara 36 flechas – seis séries de seis flechas e quatro minutos cada.

Tiro esportivo: Mais tradicional é disputado desde o primeiro Pan em 1951. O uso de armas de fogo em práticas esportivas começou no século XIX. Os primeiros registros dão conta de competições na Suécia e, rapidamente, o resto da Europa e do mundo aderiu à modalidade. O tiro atualmente tem quatro categorias: pistola, carabina, tiro ao prato e alvo móvel. Ao todo, são 17 provas. Nas categorias pistola, alvo móvel e carabina, os atiradores tem por objetivo acertar um alvo que está dividido em círculos concêntricos, cada uma valendo uma pontuação diferente. Quem somar mais pontos vence. Em caso de empate, os últimos dez tiros são o primeiro critério-desempate e assim se segue até que se encontre um vencedor. Nas finais, os casos de empate são decididos com séries extras de tiros. No tiro ao prato (skeet e fossa), o atleta tem de acertar o alvo de modo a quebrar-lhe um pedaço visível.

Cada prato acertado vale um ponto. Quem somar mais pontos ganha. Os casos de empate são decididos em séries extras de tiros.

Triatlo: Um dos mais recentes esportes do Pan passou a ser disputado em 1995. O triatlo foi criado na década de 1970, no San Diego Track Club, nos EUA, como uma alternativa aos rigorosos treinos de corrida para manter a forma. Uma prova que reúne natação, ciclismo e atletismo. Nos Jogos Pan-americanos, o percurso do triatlo é de 1,5km de natação, 40km de ciclismo e 10km de corrida. Ganha quem completar a disputa em primeiro lugar. O que era uma alternativa acabou se tornando um verdadeiro desafio para o corpo humano. Assim, como um desafio, foi também como surgiu depois a prova do ironman, também na década de 70. Um grupo de sócios do Waikiki Swin Club, no Havaí, propôs uma disputa para ver quem era realmente um “ironman” (homem-de-ferro) e criou uma disputa que tem percursos maiores do que o do triatlo olímpico e Pan-americano.

Vela: Navegar é uma das atividades mais antigas da civilização. E no Pan se veleja desde 1951. Por esporte, a vela começou a ser praticada por volta do século XVII, na Holanda, e foi introduzida em seguida na Inglaterra pelo Rei Charles II. As competições acontecem em raias delimitadas por bóias e têm dois formatos básicos: a fleet race, em que competem todos contra todos; e a match race, em que dois barcos competem por vez. Ao todo, são 11 categorias diferentes de disputa, variando de acordo com o tipo de embarcação. Os competidores não podem queimar a largada ou atrapalhar a navegação de um adversário sob pena de punição. O vencedor é quem soma os melhores resultados nas regatas de cada competição.

Além das modalidades olímpicas, outras oito estarão em disputa no jogos do Pan

Rio 2007. São elas:

Boliche: Apareceu no Pan pela primeira vez em 1991. Existem vestígios da prática de esportes semelhantes ao boliche entre os egípcios (há pelo menos 7.000 anos), entre os polinésios e até na obra grega *Ilíada*, de Homero. Na Alemanha do século III, uma prática religiosa, chamada kegel, originou o termo kegler, usado até hoje para denominar os praticantes do boliche no país. Coube aos holandeses desenvolver as regras do esporte. Em torno de 1650, jogavam uma versão em que o objetivo era derrubar com uma bola nove pinos arrumados em formato de diamante no fim de uma pista de cerca de 27m. A versão de nove pinos continua existindo, mas também evoluiu para uma modalidade com dez pinos que é a mais popular ao redor do mundo. Nesta versão, os pinos são arrumados em forma de triângulo e a pista mede por volta de 20m. Os pinos modernos têm o formato de garrafa e as bolas pesam até 7kg. Também é mais recente a introdução da contagem com strikes (derrubar todos os pinos em uma só jogada) e spares (derrubar todos os pinos nas duas jogadas a que os competidores têm direito a cada rodada).

Esqui aquático: Começou a ser disputado no Pan de 1995. A inspiração no esqui na neve levou o americano Ralph Samuelson a construir o primeiro par de esquis aquáticos em 1922 e ser puxado sobre a água por uma lancha motorizada. Não demorou nem 20 anos para que o esporte deixasse de ser apenas recreação para virar competição. As três principais provas do esqui aquático são slalom, salto de rampa e truques. No slalom, o competidor tem os dois pés sobre apenas um esqui e precisa completar um percurso delimitado por bóias, tendo o comprimento da corda que o liga à lancha encurtado a cada bóia por que passa. Vence quem completar mais bóias com a menor corda. Na prova de truques, também sobre um esqui, o atleta tem duas séries de 20 segundos para executar manobras que valem pontos. Já no salto

sobre rampa são usados dois esquis e vence quem saltar mais longe e continuar esquiando após a queda. Todas essas provas também são realizadas na modalidade descalço (sem esquis). Por fim, há ainda a modalidade wakeboard, nascida no começo da década de 1980, com inspiração no surfe e no skate e com pranchas que lembram as de snowboard.

Karatê: Passou a ser disputa em 1995 nos Jogos Pan Americanos. Impedidos de portar armas pelos conquistadores japoneses, os habitantes da ilha de Okinawa começaram a praticar no século XVIII métodos de auto-defesa com as “mãos vazias”, significado da expressão /karate /em japonês. A arte se espalhou pelo Japão após 1922, quando o mestre Gichin Funakoshi, da Sociedade Okinawa de Artes Marciais, foi convidado pelo Ministério da Educação do país a fazer uma apresentação de karatê em Tóquio. Para que pudesse ser praticado como um esporte de competição, foram formuladas regras de combate simulado, evitando que chutes e socos causem ferimentos graves nos atletas e criando a modalidade kumite (combate um-a-um). Na modalidade kata (“forma”, em japonês) participantes sozinhos ou em grupo buscam executar formas com o maior grau de perfeição possível.

Patinação Artística: Gravuras europeias do século XVIII mostram pessoas se locomovendo com rodas de 25cm de diâmetro, como se fossem miniaturas de rodas de bicicleta, acopladas a cada pé, no que seriam os primeiros patins. A partir de então, evoluíram até a versão com quatro rodas em cada pé (duas na frente e duas atrás) e um mecanismo de freio, patenteada por James Leonard Plinpton em Nova York, na década de 1870. Mas a patinação artística sobre rodas é uma derivação da patinação artística sobre o gelo. A patinação sobre o gelo começou a ser praticada pelos europeus na Idade Média; primeiro, como meio de transporte para atravessar lagos congelados e, mais tarde, como forma de recreação. Na patinação artística, homens e mulheres, individualmente ou em duplas mistas,

executam, em uma pista, figuras caracterizadas por graça e leveza, que recebem notas de juízes.

Patinação de Velocidade: Assim como a patinação artística, a patinação de velocidade (ou corridas de patins) se utiliza da invenção dos patins de quatro rodas patenteada por James Leonard Plimpton em Nova York, na década de 1870, e também tem sua origem na patinação em velocidade sobre o gelo. Os modernos patins in-line, com quatros rodas como os de Plimpton, mas alinhadas ao longo da planta do pé, se assemelham aos patins sobre lâminas de ferro para o gelo. Praticada por homens e mulheres, individualmente e por equipes (revezamento), a patinação de velocidade pode ser disputada em pistas ou circuitos de rua. As distâncias variam entre 200m e 50.000m, incluindo a maratona (42km) nas competições de rua. As provas também podem ser contra o relógio.

Squash: Passou a ser disputado no Pan de 1995. Dois jogadores se enfrentam em uma quadra de 9,75m por 6,4m e usam raquetes para atirar uma bola alternadamente contra uma parede frontal com 4,75m de altura e uma linha a 480mm das bordas do seu entorno delimitando a área que a bola deve atingir. O squash foi inventado na Escola Harrow, na Inglaterra, na década de 1830 e se tornou popular como um esporte que combina diversão, condicionamento físico e competição. Os jogadores podem atirar a bola diretamente contra a parede frontal ou usar as demais paredes antes de acertar a área em frente, para dificultar a rebatida do adversário. O objetivo é evitar que o oponente rebata a bola antes que ela quique duas vezes no chão. Uma partida é disputada em melhor de cinco games de nove pontos cada. Um jogador só pontua quando saca. Ao vencer uma disputa de ponto em que não sacou, ganha o direito de sacar e a possibilidade de pontuar.

6 O PROGRAMA “ESPORTE ESPETACULAR”

O programa “Esporte Espetacular” é um dos mais antigos programas da TV Globo, e da televisão brasileira, que ainda estão no ar. Os esportes ganharam seu espaço na telinha no mesmo ano da fundação de outros dois importantes programas da Globo, o “Fantástico” e o “Globo Repórter”. A primeira exibição foi no dia 08 de dezembro de 1973.

Em seu começo o programa era baseado nas competições apresentadas pela rede americana ABC. O diretor geral do programa na época, Moacyr Masson, conta como foram as primeiras edições:

Me disseram que nós iríamos receber dos Estados Unidos um programa chamado “Esporte Espetacular” que poderia nos abastecer, durante algum tempo, até que algum dia pudéssemos produzir um programa de alto nível, de alta qualidade, totalmente produzido no Brasil. ...meu sonho era chegar a este ponto (atual), um programa totalmente brasileiro.
(<http://video.globo.com/Videos/Player/Espportes/0,,GIM432903-7824-O+ANO+DO+NASCIMENTO+DO+ESPORTE+ESPETACULAR,00.html>)

Desde o início a abordagem do programa era diferenciada. Tratava-se de variadas modalidades como atletismo, boxe e automobilismo, de uma forma mais ampla. Exemplifica esta forma de fazer o jornalismo esportivo, logo no primeiro ano de cobertura, a matéria produzida com o campeão de boxe Éder Jofre, o brasileiro que conquistou o título mundial em uma categoria nova aos 37 anos de idade.

(<http://video.globo.com/Videos/Player/Espportes/0,,GIM432903-7824-O+ANO+DO+NASCIMENTO+DO+ESPORTE+ESPETACULAR,00.html>)

No fim da década de 70, o formato passou a ser o que permanece até hoje: uma revista esportiva semanal. Neste novo modelo, a matéria produzida a partir da crônica de Armando Nogueira para a aposentadoria de Pelé, ilustra perfeitamente o referido no capítulo 4, item 4.1, Romancista por natureza, onde se tem toda uma associação do literário ao

jornalismo esportivo. (<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM432926-7824-ESPORTE+ESPETACULAR+HOMENAGEIA+PELE+NA+DESPEDIDA,00.html>)

Em 1982, o programa realizou mais uma matéria inovadora. O árbitro José Roberto Wright, prestando um serviço ao programa “Esporte Espetacular”, apitou uma final da Taça Guanabara, entre Flamengo e Vasco, com um microfone oculto. Uma grande polêmica se estabeleceu em cima da atitude do árbitro e a repercussão atingiu todo o noticiário. Na matéria exibida no programa, a captação das falas do juiz de dos jogadores durante a partida chamou a atenção de todos pela curiosidade e pela inovação.

(<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM435213-7824-WRIGHT+E+O+POLEMICO+FLAMENGO+X+VASCO+DO+MICROFONE,00.html>)

Já com 20 anos de existência, em 1993, o programa ganhou o prêmio internacional de melhor matéria envolvendo o surfe. A matéria, que tem a duração aproximada de 15 minutos, foi produzida no arquipélago de Fernando de Noronha e desbancou emissoras favoritas em todo o mundo.

Para fazer um vídeo que merecesse este reconhecimento por parte da Associação de Surfistas Profissionais, a equipe do programa passou uma semana na ilha. Na matéria foram relatadas todas as dificuldades, como a quantidade racionada de água potável e a falta de conforto, e mostrado tudo como verdadeiros filmes de surfe mostram até hoje. Para trazer o tema embutido na linguagem do surfe, que tem todo um modo peculiar de expressão, o repórter usou trajes comuns ao meio. O uso de gírias, frequentes no mundo do surfe, e que no jornalismo esportivo deixam as matérias mais informais e mais próximas do receptor, fez com que aqueles que conhecem o esporte dessem credibilidade à reportagem. Termos como “o mar estava clássico”, para um surfista têm o mesmo significado do termo “o campo é um tapete”, para um jogador de futebol, ambos ressaltam a perfeição do local onde o esporte será praticado.

Mesmo tratando o tema sobre a linguagem “de quem é do meio” o lado jornalístico não foi deixado de lado, e qualquer pessoa consegue se impressionar com a matéria bem redigida e acompanhada de belíssimas imagens. É esta conciliação, de bom jornalismo e romance, que constrói um modelo do bom jornalismo esportivo. (<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM432917-7824-ESPORTE+ESPETACULAR+GANHA+PREMIO+DA+ASP,00.html>)

O “Esporte Espetacular” inicialmente era exibido aos sábados, passou aos domingos, e depois voltou aos sábados. A partir de 96 se fixou nas manhãs de domingo onde se encontra até hoje com duração aproximada de 2 horas. Incrementando a programação foram associadas às transmissões esportivas, ao vivo, de várias modalidades.

Em 2003 o programa completou 30 anos no ar. Para comemorar foram homenageados atletas de diversas áreas. Como são os atletas os principais personagens das matérias exibidas no programa, a interação, sob forma de homenagem, é muito boa para aproximar ainda mais os esportistas da equipe do “Esporte Espetacular”. As principais categorias de premiação foram: beleza, garra, melhor atleta e melhor time. Em todas as categorias foram premiados atletas no feminino e no masculino.

Um dos destaques do programa é seu tema musical. Sua vinheta recebeu interpretação de vários artistas da aliando o esporte à música. A música que acompanha o programa já foi gravada em versões de jazz, rock, axé, forró, pagode e até interpretada por coral. (<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM432890-7824-AS+VARIAS+VERSOES+DA+MUSICA+DO+ESPORTE+ESPETACULAR,00.html>)

O tema musical ajudou o programa a ter uma abertura marcante. Em 2005, aproveitando o gancho sobre a abertura do programa foi feita uma reportagem mostrando os bastidores da parte de criação do “Esporte Espetacular”. Nesta matéria foi mostrado como a equipe trabalha para deixar as matérias menos cansativas e o que fazer para passar a

informação de uma forma mais compreensível ao receptor, um trabalho que envolve criatividade e profissionalismo digno do jornalismo.

(<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM432889-7824-A+EVOLUCAO+DAS+VINHETAS+DO+ESPORTE+ESPETACULAR,00.html>)

7 O “ESPORTE ESPETACULAR” E OS JOGOS PAN AMERICANOS

Para fazer um estudo de casos foram assistidos, e analisados, todos os programas “Esporte Espetacular” exibidos no ano de 2007 até a data da entrega deste trabalho, 25/06/2007. A análise dos programas foi feita a partir das notícias ligadas aos Jogos Pan Americanos.

O primeiro programa analisado foi o último ao ir ao ar no ano de 2006. O fato desde ter sido incluído neste trabalho, que inicialmente visava somente às matérias exibidas neste ano, é justificado pelo grande número de matérias ligadas aos jogos nesta edição.

7.1 O ÚLTIMO PROGRAMA DE 2006

No programa exibido no último domingo de 2006, praticamente todo o conteúdo foi voltado ao Pan. Grande ênfase foi dada aos jogos em diversas reportagens. A chamada feita dentro do programa diário “Globo Esporte” na sexta, dois dias antes do “Esporte Espetacular” ir ao ar, já anunciava o grande espaço dado ao Pan.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM610517-7824->

[VEJA+O+QUE+VEM+POR+AI+NO+ESPORTE+ESPETACULAR+DO+DIA,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM610517-7824-VEJA+O+QUE+VEM+POR+AI+NO+ESPORTE+ESPETACULAR+DO+DIA,00.html).

Na abertura do programa os telespectadores foram convidados a “mergulhar” no espírito do Pan e conhecer histórias ligadas aos jogos: “O Esporte Espetacular de hoje vai trazer reportagens especiais do Pan do Brasil e relembrar momentos especiais dos últimos campeonatos.”

Uma das matérias exibiu obras que diversos artistas do Brasil criaram em homenagem aos jogos. <http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM608780-7824->

[ARTE+DO+PAN,00.html](#). As obras foram criadas a pedido do “Esporte Espetacular” e teve duração de aproximadamente um minuto.

Em outra matéria se mostrou os primeiros atletas brasileiros classificados para o Pan do Rio em modalidades individuais. A matéria usou de entrevista, com os atletas do taekwondo, Natália Falavigna e Diogo Silva, e com a atleta do triatlo Mariana Ohata.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM608942-7824->

[OS+PRIMEIROS+CLASSIFICADOS+PARA+O+PAN,00.html](#). A matéria focou a felicidade dos atletas em participar dos jogos e teve duração de 50 segundos. Na entrevista, dos três atletas, eles falaram sobre a importância dos Jogos Pan Americanos na carreira de um esportista.

Foi anunciado um novo quadro no programa, o “Atleta Espetacular”. E para inaugurar, uma reportagem contou a trajetória da ex-judoca Soraia André.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611538-7824->

[SORAIA+ANDRE+UMA+ATLETA+ESPETACULAR,00.html](#).

Soraia participou de três Jogos Pan Americanos: Caracas em 1983, ganhando medalha de bronze, Indianápolis, em 1987, onde conquistou o ouro, e Havana, em 1991, ficando novamente na terceira colocação. Por se tratar de um quadro especial a matéria é mais completa que as outras exibidas no mesmo programa, sua duração é de 10 minutos.

A terceira matéria, voltada ao Pan, desta edição contou a vida de outro atleta, Bruno Laporte, do levantamento de peso.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611540-7824->

[BRUNO+LEVANTA+DE+PESO+COM+UMA+BALA+NO+BRACO,00.html](#). Esta matéria de cinco minutos e 30 segundos de duração enfatizou as dificuldades na vida do atleta com muita dramaticidade.

Outra matéria, esta bem descontraída e com bom humor, com a abertura

“Aconteceu no Pan”, contou histórias curiosas envolvendo atletas brasileiros em Jogos Pan Americanos anteriores. <http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611542-7824-PERSONAGENS+E+SUAS+HISTORIAS+DE+PAN,00.html>.

Atletas da ginástica artística, tênis, vela, judô e salto, lembraram seus momentos marcantes e fatos curiosos durante a disputa dos Jogos Pan Americanos. Este quadro teve duração de cinco minutos e 45 segundos.

O repórter Ícaro de Paula, em uma reportagem na qual interpreta um personagem, deu destaque aos Jogos Pan Americanos do Rio na seletiva dos jogos para o judô: “estamos entrando em um ano muito importante para o esporte brasileiro, o ano do Pan!” Na matéria Ícaro brincou com os atletas e supondo estar aprendendo sobre o esporte.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611544-7824-ICARO+DE+PAULA+APRONTA+NA+SELETIVA+DE+JUDO,00.html>. Desta forma foram passadas informações sobre o esporte aos telespectadores. Nesta matéria, de quatro minutos e quarenta e oito segundos, foi usada uma forma interessante para passar as informações. Como o programa deste dia estava recheado de matérias sobre o Pan, foi criativo o formato brincalhão do repórter, evitando que os telespectadores ficassem cansados de tantas matérias sobre os jogos. No final, o repórter brincou com o atleta brasileiro, Flávio Canto, em um desafio. Este é o diferencial do jornalismo esportivo, que permite ao jornalista ser criativo, sem ser ridículo, e ao mesmo tempo exercer sua função de passar as informações aos receptores.

Para não ficar repetitivo a direção do programa encontrou uma saída interessante para contar mais histórias sobre o Pan. Como em um dos blocos anteriores, os próprios atletas haviam contados casos que ocorreram durante edições anteriores dos jogos, desta vez a equipe de criação do programa entrou em ação. Através da animação por computador, o mascote do Pan, Cauê, contou mais fatos curiosos ocorridos no Pan. O quadro recebeu o nome de “Conta

Cauê” e teve duração de dois minutos e 13 segundos.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611545-7824->

[O+MASCOTE+CAUE+CONTA+FATOS+CURIOSOS+DOS+JOGOS+PANAMERICANO](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611545-7824-)
[S,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611545-7824-).

Outro quadro que usa a computação, o “Charge Espetacular”, veio a ser exibido neste dia como uma crítica a problemas na preparação do Brasil para o Pan.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611548-7824->

[CHARGE+ESPETACULAR+ANO+PAN+CHEGANDO+COM+ESTRESSE,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611548-7824-). Como o programa foi exibido no último dia do ano, dia 31/12/2006, foi ilustrado a chegada de um ano novo com estresse, que seria na verdade um problema para a organização do Pan. Entre os problemas foram citados o atraso das obras, principalmente na Marina da Glória e o estádio João Avelanje, que deverá ser construído para os jogos, e a reforma do Maracanã.

No encerramento de cada bloco, o programa trouxe um resgate de imagens e números sobre o desempenho do Brasil em Pan. Foram mostrados trechos dos atletas brasileiros no Pan da Venezuela, em 83,

(<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611554-7824->

[CLIPE+COM+IMAGENS+DO+PAN+DA+VENEZUELA,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611554-7824-)), dos Estados Unidos, em 87,

(<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611555-7824->

[CLIPE+COM+IMAGENS+DO+PAN+DOS+EUA,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611555-7824-)), da Argentina, em 95,

(<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611557-7824->

[CLIPE+COM+IMAGENS+DO+PAN+DA+ARGENTINA,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611557-7824-)), do Pan do Canadá em 99

(<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611552-7824->

[CLIPE+COM+IMAGENS+DO+PAN+DO+CANADA,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611552-7824-)) e República Dominicana em

2003 (<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611551-7824->

[CLIPE+COM+IMAGENS+DO+PAN+DA+REPUBLICA+DOMINICANA,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611551-7824-)).

Um arranjo, com o coral da produção da Globo, adaptou a tradicional trilha sonora do programa, pan, pan, pan, pan, a uma versão para os Jogos Pan Americanos.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM611539-7824-CORAL+NO+RITMO+DO+PAN+PARA+O+ESPORTE+ESPETACULAR,00.html>.

A adaptação de pouco menos de dois minutos ficou muito descontraída e deixa o programa agradável em seu encerramento.

7.2 JANEIRO

O ano começou bem diferente da forma que acabou o anterior. Ao contrário da última edição de 2006, que trouxe muita coisa sobre o Pan, o primeiro mês de 2007 não teve nenhuma matéria sobre o Pan de 2007 no programa “Esporte Espetacular”.

Na segunda edição do programa no ano, nenhuma matéria ligada diretamente aos jogos, mas uma matéria sobre as várias opções de esporte no bairro de Copacabana pode ser encarada como envolvida no contexto do Pan.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM619699-7824-NAO+FALTAM+OPCOES+DE+ESPORTE+EM+COPACABANA,00.html>.

A reportagem mostrou belos visuais e outros fatores que compõem o bairro, um dos mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro e que possui a maior densidade demográfica da cidade. Mostrou-se também o envolvimento de pessoas comuns, como os idosos e as crianças, com o esporte. A matéria, de seis minutos e meio de duração, poderia ter feito vínculo com o Pan do Rio, que não foram sequer citados na reportagem.

7.3 FEVEREIRO

No segundo mês do ano as reportagens já começaram a visar os jogos do Rio. Algumas matérias não tratavam exatamente do assunto, mas já serviam para familiarizar os telespectadores brasileiros com os esportes que vão estar em ação a partir do dia 13 de julho.

Entre as matérias vinculadas indiretamente com o Pan, foi ao ar no programa do dia 04/02/2007, uma reportagem especial com Yelena Ysinbayeva, recordista e campeã olímpica, e mundial, do salto com vara.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Espportes/0,,GIM632805-7824-UM+PAPO+COM+A+RUSSA+YELENA+ISINBAYEVA,00.html>.

Esta matéria usou gráficos e artes computadorizadas para facilitar a compreensão do esporte pelos telespectadores. A entrevista com a atleta serviu para mostrar como uma pessoa que nem conhece a modalidade pode se tornar um grande campeão, ou neste caso, uma grande campeã. Outro detalhe interessante foi a transmissão do conceito do esporte segundo a atleta: “Para Petrov, o salto com vara é o encontro do atletismo com a ginástica.”

Jamais teríamos, em um domingo de um ano normal, sem competição como o Pan, uma matéria sobre o salto com vara de quase 15 minutos de duração. Lembramos que nos últimos anos o Brasil tem obtido bons resultados nesta modalidade, tanto na categoria masculina quanto na feminina.

Outra matéria, veiculada no segundo domingo do mês de fevereiro, abordou diretamente o Pan. O assunto foi o Pré-Pan de vela, competição realizada no Rio de Janeiro que valeu as vagas no Pan em julho.

[http://video.globo.com/Videos/Player/Espportes/0,,GIM636857-7824-](http://video.globo.com/Videos/Player/Espportes/0,,GIM636857-7824-ROBERT+SCHEIDT+CONQUISTA+VAGA+PARA+O+PAN+DO+BRASIL,00.html)

[ROBERT+SCHEIDT+CONQUISTA+VAGA+PARA+O+PAN+DO+BRASIL,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Espportes/0,,GIM636857-7824-ROBERT+SCHEIDT+CONQUISTA+VAGA+PARA+O+PAN+DO+BRASIL,00.html). A matéria trouxe o resultado das nove classes da modalidade e destacou a conquista da vaga de Robert Scheidt após uma semana de disputas. A matéria teve duração de aproximadamente três minutos.

Outra matéria sobre os velejadores, pegando gancho com o Pré-Pan de vela, produzida em outro formato e foi ao ar no dia 25/02/2007, no último programa de fevereiro. Quem voltou a ação foi o repórter Ícaro de Paula, com seu modo inclusivo, ele contou como funciona a prova de vela e fez um teste com uma das equipe de velejadores. <http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM643554-7824-ICARO+DE+PAULA+APRONTA+TODAS+NO+PREPAN+DE+VELA,00.html>. A duração do quadro foi de pouco mais de cinco minutos.

Dentro de suas transmissões “ao vivo”, que se tornou uma atração quando o “Esporte Espetacular” passou a ser exibido aos domingos pela manhã, o primeiro vínculo com o Pan foi no primeiro programa do mês de fevereiro. O evento transmitido “ao vivo” foi o “Fast Triatlo”, a competição realizada em Santa Catarina reuniu atletas de cinco países em forma de desafio. Esta transmissão foi muito interessante, pois também serviu de preparação para as transmissões do Pan, já que o triatlo é uma das modalidades em disputa.

Outra transmissão, abordando esporte ligado ao Pan, foi a do “Desafio dos reis 2007”. Como o povo brasileiro já está habituado ao vôlei de praia este esporte não apresenta novidades nas transmissões. Neste mesmo dia, 18/02/2007, destaque para o encerramento com “O bloco do Pan pede passagem”, com a versão especial para os Jogos Pan Americanos, da música “O amanhã”, de João Sérgio. <http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM640776-7824-O+BLOCO+DO+PAN+PEDE+PASSAGEM,00.html>. Uma forma de entretenimento e de chamar a atenção para os jogos de uma forma “gostosa”, usando a música.

Neste mês o interessante foram as formas diferentes com as quais o Pan foi abordado: sob a forma de entrevistas com atletas renomados, com belas imagens, com descontração e variedade.

7.4 MARÇO

A primeira matéria que trouxe o Pan à tona, veio ao ar dia 18/03/2007, no terceiro e penúltimo programa do mês de março. A matéria sobre o pentatlo teve como personagens, as paraibanas classificadas para o Pan do Rio, Larissa Lellys e Yane Marques, e ressaltou a diferença entre as atletas, uma moradora do litoral e a outra do interior da Paraíba. Pegando o gancho das atletas brasileiras foi apresentado o esporte, pentatlo, aos telespectadores do programa. A duração da matéria foi de quase quatro minutos.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM653188-7824-PERNAMBUCANAS+TREINAM+PARA+O+PENTATLO,00.html>.

No mesmo dia foi mostrado o drama da maratonista Joelma Souza, que teve câncer, mas se recuperou e atualmente lidera o ranking Norte-Nordeste. Na matéria de pouco mais de dois minutos a atleta diz sonhar com o Pan.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM653190-7824-ATLETA+VENCE+O+CANCER+E+SONHA+COM+O+PAN,00.html>.

Também neste mesmo domingo, outra matéria ligada ao Pan teve como personagem Fabiana Murer. A atleta do salto com vara é uma das favoritas no Pan do Rio. A matéria foi bem completa, com quatro minutos e 40 segundos de duração, e mostrou em entrevista que a atleta sabe que irá enfrentar uma pressão maior por estar competindo em seu país.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM653195-7824-FABIANA+MURER+FAVORITA+NO+SALTO+COM+VARA,00.html>.

Para encerrar o domingo mais voltado ao Pan, do mês de março, o programa foi encerrado com uma homenagem de cantores, de variados estilos, que compuseram canções especiais para o Pan do Rio 2007.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM653194-7824->

[MUSICOS+BRASILEIROS+HOMENAGEIAM+O+PAN,00.html](#).

7.5 ABRIL

Entre as cinco edições de abril destaque para a segunda, que foi ao ar no dia 08/04/2007, e trouxe mais três espaços reservados aos Jogos Pan Americanos.

Na primeira reportagem, o programa mostrou o campeonato brasileiro de luta olímpica, disputado em Vitória, no Espírito Santo.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM662285-7824->

[MARCELO+ZULU+SE+CLASSIFICA+PARA+O+PAN,00.html](#). Aproveitando o gancho, foi explicado como que funciona a modalidade e informado os 11 classificados, do total de 19, que irão disputar os jogos em julho. A matéria completa teve duração de seis minutos e meio.

A outra reportagem do dia teve cunho histórico. Foi mostrada uma participação inusitada no Pan do México em 1955, ninguém menos que o argentino Ernesto “Che” Guevara. Mas o líder revolucionário não era um talento do esporte, ele participou da cobertura do evento para ganhar uma renda extra. Segundo a reportagem, de pouco mais de um minuto de duração, Guevara não teve moleza e ralou pesado na cobertura do evento.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM662383-7824->

[LIDER+REVOLUCIONARIO+JA+ESTEVE+NO+PAN,00.html](#).

E para encerrar este domingo com duas reportagens sobre o Pan, mais uma homenagem musical foi feita para os jogos. Desta vez o samba de Dudu nobre exaltou as modalidades em disputa. Outra que empolgou com seu axé falando dos jogos foi Daniela Mercury.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM662294-7824->

[ARTISTAS+BRASILEIROS+HOMENAGEIAM+PAN,00.html](#).

No terceiro domingo de abril, o Pan perdeu espaço, principalmente pela ampla cobertura da busca de Romário pelo milésimo gol. Mas, mais uma vez a homenagem musical ao Pan encerrou o programa. Desta vez a banda gaúcha Papas da Língua mostrou sua música para os jogos do Rio de Janeiro.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM665208-7824->

[O+SOM+DO+PAN+COM+O+GRUPO+PAPAS+DA+LINGUA,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM665208-7824-O+SOM+DO+PAN+COM+O+GRUPO+PAPAS+DA+LINGUA,00.html).

O Pan voltou a aparecer na programação somente no último domingo de abril, mesmo assim com uma única matéria. Mostrou a vida da velejadora paulista, que se prepara para o Pan, e mora em uma embarcação no Rio de Janeiro. A matéria, com mais de oito minutos de duração, não ganhou ar de dramaticidade, nem pareceu ter esta intenção, já que a atleta declarou não trocar sua vida em um barco por um apartamento ou casa.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM670569-7824->

[VELEJADORA+SE+REFUGIA+EM+BARCO+NO+RIO+DE+JANEIRO,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM670569-7824-VELEJADORA+SE+REFUGIA+EM+BARCO+NO+RIO+DE+JANEIRO,00.html).

7.6 MAIO

O primeiro domingo de maio, dia 6, não teve abordagem direta ao Pan principalmente pelo espaço tomado pelas decisões dos campeonatos estaduais de futebol. Porém, a transmissão do Troféu Maria Lenk de natação fez com que os telespectadores não perdessem contato com os esportes que estarão em disputa a partir de julho no Rio.

No domingo, dia 13 de maio, o Esporte Espetacular não foi exibido em função das transmissões da visita do Papa ao Brasil.

No penúltimo domingo de maio produziu-se uma matéria com Jadel Gregório, mostrando a quebra do recorde sul-americano. A matéria mostrou a emoção do atleta do salto triplo, que bateu o recorde em Belém.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM678707-7824->

[JADEL+GREGORIO+COMEMORA+RECORDE+SULAMERICANO,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM678707-7824-JADEL+GREGORIO+COMEMORA+RECORDE+SULAMERICANO,00.html).

Na semana seguinte o programa promoveu um encontro entre Jadel e a filha de João do Pulo, grande nome do Brasil na modalidade.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM681476-7824->

[JADEL+ENCONTRA+FILHA+DE+JOAO+DO+PULO,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM681476-7824-JADEL+ENCONTRA+FILHA+DE+JOAO+DO+PULO,00.html).

O recorde superado por Jadel pertencia à João do Pulo e tinha sido alcançado em 1975, no Pan do México.

No mês de maio houve a estréia de um quadro ligado aos Jogos Pan Americanos, o “Encontros do Pan”. Na primeira exibição do quadro, Robson Caetano foi ao Rio Grande do Norte e visitou um projeto ligado ao atletismo. O projeto direciona os jovens ao esporte em um canavial. A emoção tomou conta dos participantes do projeto com o prestígio do ídolo no local de treinamento. A duração da reportagem é de oito minutos e meio.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM678691-7824->

[JOVENS+SE+EMOCIONAM+AO+ENCONTRAR+ROBSON+CAETANO,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM678691-7824-JOVENS+SE+EMOCIONAM+AO+ENCONTRAR+ROBSON+CAETANO,00.html).

7.7 JUNHO

Chegamos ao último mês de análise deste trabalho. É também o último mês da preparação para o Pan, mês que vêm é a “hora da verdade”.

O primeiro programa do mês de junho

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM684252-7824->

[ESPORTE+ESPETACULAR+NA+INTEGRA,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM684252-7824-ESPORTE+ESPETACULAR+NA+INTEGRA,00.html)) mostrou o segunda reportagem do

“Encontros do Pan.” O “Esporte Espetacular” levou o pugilista Popó a conhecer Nelson, um professor de boxe que fundou uma academia, a dois anos, sobre palafitas. O caso não teria

nada de mais, se esta academia não fosse no Amapá em uma região de esgoto a céu aberto na capital do estado, Macapá. <http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM684249-7824-SERIE+ENCONTROS+DO+PAN+LEVA+POPO+AO+AMAPA,00.html>. A matéria de 10 minutos e 47 segundos de duração mostrou um encontro com muita emoção e histórias. A trilha sonora ajudou a dar emoção.

O segundo programa de junho (<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM686991-7824-ESPORTE+ESPETACULAR+NA+INTEGRA,00.html>) mostrou a visita de Oscar Schmidt a um projeto social de basquete. Desta vez, o quadro “Encontros do Pan”, levou o maior nome do basquete brasileiro ao Mato Grosso do Sul. O ídolo se emocionou com o encontro com as crianças carentes e deu conselhos. A reportagem, que possui quase 10 minutos de duração, teve muita emoção e mostrou o cotidiano dos jovens que sonham com um futuro melhor. <http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM686976-7824-OSCAR+SCHMIDT+VISITA+PROJETO+SOCIAL+DE+BASQUETE,00.html>.

O terceiro programa do mês de junho foi o último programa relacionado a este trabalho. A edição se encontra na íntegra em anexo.

No programa que foi ao ar no dia 17 de junho de 07, a referência ao Pan esteve presente principalmente na transmissão da partida de handebol.

A transmissão ao vivo foi narrada por Rogério Corrêa e “convidado especial” foi Sérgio Hortelan. Como o jogo é muito rápido e dinâmico, Sérgio participou muitas vezes da transmissão, seja para comentar o desempenho dos atletas ou para explicar alguma característica do esporte.

O jogo se tratava da última partida do Torneio Internacional de Handebol, entre Brasil e Rússia. O evento foi considerado um teste para o Pan, e se realizou na mesma quadra que será sede das disputas masculina e feminina no Rio de Janeiro. Muitos elogios foram feitos

à arena que foi construída especialmente para o Pan. No segundo bloco do programa o principal jogador da seleção brasileira, Bruno Souza, estava no estúdio e participou de uma conversa com os apresentadores que ajudou a promover a modalidade no Pan.

Surpreendeu não ter o quadro “Encontro do Pan”, veiculado nas edições anteriores. Lembrando que na data deste programa faltavam 26 dias para o início dos Jogos.

Em outra reportagem ligada ao Pan, o ator da Globo, Malvino Salvador, se prepara para o papel de lutador de boxe com o professor Ralf Giglio. Ralf será um dos técnicos da seleção brasileira de boxe no Pan. Participaram da reportagem os lutadores de vale-tudo, os irmãos Rogério “Minotouro” e Rodrigo “Minotauro”. Rogério também irá participar dos Jogos Pan Americanos no boxe olímpico. O ator fará o papel de lutador de boxe na novela “Sete Pecados”.

8 CONCLUSÃO

O fascínio por quem é apaixonado pelo esporte pode ser uma boa justificativa para o jornalista que opta pelo jornalismo esportivo. Mas, devido as suas intempéries e situações mais curiosas, esta editoria deveria ser obrigatória para todos os jornalistas que pretendem aprimorar a criatividade.

Não há uma fórmula para se dizer como se faz uma boa matéria televisiva sobre o jornalismo esportivo. O esporte dá liberdade ao repórter para usar sua criatividade, mas o trabalho jornalístico não pode ser deixado de lado. A notícia deve estar sempre em primeiro lugar, entretanto, para que o fato chegue ao telespectador com qualidade não precisamos ser metódicos, e muito menos ser apenas técnicos em redação de matérias.

Concluimos que a presença de não jornalistas, ocupando espaços que teoricamente deveria ser dos profissionais em jornalismo é uma realidade existente em várias áreas, sobretudo na editoria de esportes. Esta substituição dos jornalistas por atletas ou ex-atletas não deve ser vista como uma invasão, mas sim como uma ocupação de uma lacuna deixada pela falta de mão-de-obra especializada em esportes, dos populares como o futebol até outros como o handebol.

Para se ter uma base para construir um jornalismo esportivo televisivo de qualidade é preciso mesclar criatividade com competência na apuração e transmissão do fato.

Entre as modalidades do Pan, muitas delas prometem trazer dificuldades à mídia brasileira, pois nunca foram transmitidas ao público. Algumas até já foram transmitidas, mas o público em geral não tem por hábito assistir estas exibições. Além de conseguir transmitir, passando a informação com qualidade, como manda o jornalismo, o outro desafio da imprensa brasileira é tornar as transmissões agradáveis para que os índices de audiência não sejam decepcionantes. Neste aspecto os jornalistas terão que usar de toda criatividade e abusar de

toda liberdade que só o jornalismo esportivo pode dar.

O último programa “Esporte Espetacular”, do ano de 2006, conseguiu motivar os telespectadores com a realização do Pan do Brasil. Até este momento muita gente ainda não sentia através da mídia uma importância dos jogos. Com a grande atenção dada à competição muitos começaram a voltar seus olhos para o Pan.

O quadro “Aconteceu no Pan” poderia ter sido mantido e aparecido em todos os programas até a realização dos jogos. Estar sempre dando notícias sobre edições anteriores ajudaria a resgatar a história e despertar os telespectadores ainda mais para o evento. Para não ficar cansativo poderia manter seus aproximados cinco minutos de duração.

Os quadros com o repórter Ícaro de Paula foram criativos e se tornaram uma forma alternativa de passar mais notícias sobre um mesmo assunto, o Pan. A chamada da matéria já dizia: “Ele está de volta, desta vez para descobrir os mistérios da vela.”

O “Encontros do Pan” promoveu encontro de grandes ídolos fazendo o papel social, sempre tão ligado ao esporte. Mas faltando 26 dias para o Pan, no terceiro domingo de junho, o “Esporte Espetacular” não apresentou o quadro.

A transmissão do Torneio Internacional de Handebol, mais que um evento teste para o Pan, foi um evento teste para a transmissão, e esta não decepcionou.

Na organização do evento, o Brasil terá que superar muitas barreiras e voltar a dar credibilidade aos Jogos Pan Americanos que teve muitos problemas em sua última edição, em 2003, na República Dominicana.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. A reportagem esportiva. In: BELTRÃO, Luiz. A imprensa informativa. São Paulo: Folco Massucci, 1969.

BOND, Franser. Principais tipos de noticiário. In: BOND, Franser. Introdução ao jornalismo. Rio de Janeiro:Agir, 1962.

CARDOSO, M. 100 anos de Olimpíadas São Paulo: Scritta, 1996

ERBOLATO, Mario. O noticiário esportivo. In:ERBOLATO, Mario. Jornalismo especializado. São Paulo: Atlas, 1981.

PEREIRA, Flávia Sidônia Camargos. A guerra no futebol: um estudo sobre o jornalismo esportivo. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 1.sem.2005, 245 fl. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social

RUBIO, K. O atleta e o mito do herói. O imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

BETTI, Mauro. A Janela de Vidro; Esporte, televisão e educação física. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

ARANTES, Carla Tatiana. A última fronteira: O papel da mulher nos programas de esporte. Juiz de Fora: UFJF; Facom, 1. sem 2003, 101 fls. Projeto Experimental do Curso

de Comunicação Social

Coelho, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

Linhares, Marcos. *Nos bastidores do jornalismo esportivo: a magia da cobertura esportiva mundial*. -- 1. ed. -- São Paulo: Celebris, 2006.

MARTINS, Tathiana Campolina. *A introdução dos esportes radicais nos programas esportivos de TV aberta*. Juiz de Fora: UFJF; Facom, 1. sem 2006, 76 fls. Monografia do Curso de Comunicação Social.

BARBEIRO, Heródoto. *Manual do Jornalismo Esportivo*. Rio de Janeiro. Contexto, 2006.